

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GILSON LUIZ DOS ANJOS

**(RE)CONHECIMENTO E NEGRITUDE:  
UMA QUESTÃO DA EDUCAÇÃO?**

Porto Alegre, janeiro 2012

GILSON LUIZ DOS ANJOS

**(RE)CONHECIMENTO E NEGRITUDE:  
UMA QUESTÃO DA EDUCAÇÃO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação

Orientador:  
Prof. Dr. Paulo Peixoto de Albuquerque

Linha de Pesquisa:  
Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Porto Alegre, janeiro 2012

### CIP - Catalogação na Publicação

Anjos, Gilson Luiz dos  
(RE) CONHECIMENTO E NEGRITUDE: uma questão da  
educação? / Gilson Luiz dos Anjos. -- 2012.  
90 f.

Orientador: Paulo Peixoto de Albuquerque.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Negritude. 2. Educação. 3. Luta. 4.  
(Re)conhecimento. I. Albuquerque, Paulo Peixoto de,  
orient. II. Título.

GILSON LUIZ DOS ANJOS

**(RE)CONHECIMENTO E NEGRITUDE:  
UMA QUESTÃO DA EDUCAÇÃO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação

Orientador:  
Prof. Dr. Paulo Peixoto de Albuquerque

Linha de Pesquisa:  
Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Defesa em 28 de fevereiro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Paulo Peixoto de Albuquerque - Orientador

---

Profa. Dra. Carmem Lucia Bezerra Machado – UFRGS

---

Profa. Dra. Dircenara dos Santos Sanger - IERGS

---

Prof. Dr. Rogério José Schuck - UNIVATES



## RESUMO

Esta dissertação pesquisa a problemática da negritude no Vale do Taquari buscando entender como a luta dos negros, neste espaço, em busca de dignidade e autonomia pode se constituir um elemento chave para compreender dinâmicas e lógicas sociais mais amplas tais como, preconceitos, modos de ser, vocações locais, e que têm desdobramentos inclusive na contemporaneidade. O recorte temporal do desenvolvimento da pesquisa são as últimas cinco décadas. A metodologia utilizada foi pesquisa qualitativa no arquivo público do jornal - O Informativo do Vale - e entrevistas semiestruturadas aplicadas com estudantes do ensino fundamental, mãe de estudante, professoras de educação infantil e de ensino fundamental, lideranças comunitárias e veteranos, procurando remover a cobertura sobre o imaginário e o real instituído. Como resultado evidenciou-se que a relação (re)conhecimento ou não dos negros como sujeitos portadores de direitos neste Vale localizado na região central do Rio Grande do Sul se dá na razão direta do modo como a sociedade da região entende o papel da Educação na constituição do negro e a sua participação na vida local que se caracteriza pela invisibilidade.

**Palavras-chave:** Negritude. Educação. Luta. Reconhecimento

## **ABSTRACT**

This work researches the issue of blackness in Taquari Valley seeking to understand how the struggle of blacks in this space, in search of dignity and autonomy can be a key element to understand dynamics and broader social logics such as prejudice, ways of being, local vocations, and have unfolds inclusively in the contemporaneity. The time frame of development of the research are the last five decades. The methodology was qualitative research in public archives of the newspaper – O Informativo do Vale - and semi-structured interviews applied to elementary school students, mother of student, teachers of kindergarten and elementary school, community leaders and veterans seeking to remove the cover over the imaginary and the real set. As a result it became clear that the relationship (re) cognition or not of blacks as subjects with rights in this valley located in the central region of Rio Grande do Sul occurs in direct proportion to the way that the society in the region understand the role of education in formation of black and your participation in local life that is characterized by invisibility.

**Keywords:** Negritude. Education. Fight. Recognition.

## AGRADECIMENTOS

À Sirlei

esposa amada, companheira de todas as horas  
grande incentivadora para retomada dos estudos.  
Aos filhos que, com carinho e atenção, contribuíram  
com sua compreensão pelas ausências  
esclarecendo dúvidas de informática ou de outras naturezas.

A minha mãe

pelo exemplo de luta e perseverança ao trabalhar muito para garantir  
o alimento, a segurança, a moradia, a saúde, a formação ética.

Aos professores

que pela dedicação contribuíram para minha caminhada estudantil  
da educação infantil aos dias atuais.

Ao amigo Fernando Seffner que orientou os caminhos que conduziram e facilitaram  
a conquista da vaga neste programa de pós-graduação.

À Banca Avaliadora

Pela disponibilidade e contribuições ao trabalho  
À Professora Dra. Carmem Lucia Bezerra Machado  
por sua acolhida, tolerância, confiança e  
por suas palavras amigas nos momentos de aflição.

Destaco

Professor Dr. Paulo Peixoto de Albuquerque,  
meu magnífico orientador  
por todo o empenho, sabedoria e paciência pedagógica  
ao conduzir as orientações,  
por estimular e passar confiança em minha caminhada e empenho na pesquisa,  
por compartilhar saberes, demonstrando companheirismo e solidariedade,  
mas, acima de tudo,  
pela amizade.

A João Carlos Pereira Junior, cidadão atitude  
amigo, colega, parceiro, irmão  
pela força, pelo empenho, pelas indicações de trabalho pela partilha do seu tempo.

A Luiz Paulo Arena

colega acadêmico que se mostrou grande parceiro, comprometido com a transformação social em busca de um mundo mais amável.

Aos atuais colegas:

Francesco Settineri, Simone Alves, Fernanda dos Santos, Paulo,  
Dilmar Luiz Lopes, Giancarla Brunetto, Gilvânia Plácido,  
Paulo Sérgio da Silva, Sônia Ribas, Graziela Silva Santos.

Aos colegas de outrora:

Marion Machado Cunha, Elen Machado Tavares, Paola Purim,  
Ana Lucia Gonçalves Marcelino, Marner Lopes da Silveira, Neodir Travessini,  
Gregório Durlo Grisa, Valter Morigi, Roque Grazziola, Ingrid Wink,  
Fernanda Zorzi, Jaira Coelho Moraes, Walter Günter Rodrigues Lippold.

Às amigas

Laura Varela Crespo, Nilda Franchi, Claudete Rempel,  
Eliane Almeida de Souza, Zélia da Rosa de Sá  
que com carinho e orientação  
contribuíram para que eu chegasse a este momento:

Em especial:

A todos que pagam impostos e garantem a manutenção desta instituição de ensino  
e aos negros deste país que é para eles que eu dedico este trabalho.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 NO CONTEXTO: A NEGRITUDE BRANCA!.....</b>	<b>14</b>
1.1. Do macro ao micro .....	16
1.1.1 Brasil .....	16
1.1.2 O Vale do Taquari.....	23
<b>2 NO CONTEXTO DA NEGRITUDE: O LUGAR DA EDUCAÇÃO ESCOLAR .....</b>	<b>27</b>
<b>3 POR QUE RECONHECER A NEGRITUDE: A PROBLEMÁTICA INVISÍVEL .....</b>	<b>37</b>
3.1 No reconhecimento a chave decodificadora .....	47
<b>4 NO IMAGINÁRIO DO VALE: A NEGRITUDE (IN)VISIBILIZADA! .....</b>	<b>52</b>
4.1 Informações secundárias (reportagens de revista/ jornal).....	52
4.2 As informações primárias .....	61
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>
<b>ANEXOS</b>	
<b>ANEXO A – A outra face de Lajeado (matéria Revista “Conheça o Vale”).....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO B – Influência da raça/cor na vida dos brasileiros.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO C – A Contradição: brancos assumindo a negritude. ....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO D – Reflexo da educação na vida do pobre (negros).....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO E – Editorial jornal “O Informativo do Vale”, 08 de maio de 1970. ....</b>	<b>88</b>
<b>ANEXO F – Existe um Bairro chamado Conservas. ....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXO G – Morro 25 – Publicidade que a gente não quer.....</b>	<b>90</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Lajeado – RS e os espaços de maior ocupação negra. ....	25
Figura 2 – Recorte de jornal mostrando a presença dos negros no esporte. ....	41
Figura 3 – Recorte de jornal mostrando pejorativamente o negro como representação de problemas. ....	42
Figura 4 – Destaque de reconhecimento de um negro pela comunidade negra. ....	43
Figura 5 – Sinóptico do Marco Interpretativo. ....	47
Figura 6 – Imaginário instituído. ....	53

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceitos-chave/satélite. ....	49
Quadro 2 – O imaginário. De que maneira é visto o negro nesta cidade? .....	62
Quadro 3 – O reconhecimento - Percepção desejada pelo negro. Como o negro deveria ser visto? .....	63
Quadro 4 - Identidade - Percepção da negritude o ideal. Como o negro não deveria se visto? .....	65
Quadro 5 – Bem viver - Percepção da mudança de leitura a partir da educação. De que maneira a Educação pode influenciar esta forma olhar? .....	66

## LISTA DE QUADROS SINÓPTICOS

Quadro Sinóptico 1 – O imaginário. Categoria Conceitual e Enquadramento da Informação. ....	57
Quadro Sinóptico 2 – Reconhecimento.....	58
Quadro Sinóptico 3 – Análise de jornais no período de 1960 (1988) 2000 – Identidade.....	59
Quadro Sinóptico 4 – Análise de jornais no período de 1960 (1988) 2000 - Bem viver.....	60
Quadro Sinóptico 5 – Análise de entrevistas – Imaginário.....	68
Quadro Sinóptico 6 – Análise de entrevistas – Reconhecimento.....	69
Quadro Sinóptico 7 – Análise de entrevistas – Identidade.....	69
Quadro Sinóptico 8 – Análise de entrevistas – Bem viver.....	70



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de Suicídios na População Total por Raça/Cor. Regiões e UF. Brasil, 2002/2005/2008. ....	19
Tabela 2 – Pessoas de 15 anos ou mais de idade, total e distribuição percentual por influência da cor ou raça na vida das pessoas, segundo as Unidades da Federação selecionadas – 2008. ....	19
Tabela 3 – Pessoas de 15 anos ou mais de idade, total e distribuição percentual por cor ou raça, nas 14 categorias mais frequentes, segundo as Unidades da Federação selecionadas – 2008. ....	20

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho é resultado não de um exercício meramente intelectual, ele traduz uma inquietação que atravessa, que é transversal à minha vida como pessoa, como estudante, como homem negro, como cidadão. Tem relação com a questão do reconhecimento do negro, do pobre. Reconhecimento que é um elemento, que é fator, uma categoria que sempre me inquietou por que tem ligação com a possibilidade do conhecer e do reconhecer, bem como, com a minha pesquisa e seus objetivos.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como as questões da negritude incidem e interpelam no Vale do Taquari, o que é considerado identidade da região e de que maneira o não **reconhecimento** dos negros é um impeditivo para a **inclusão social**, a *autonomia*, o *protagonismo*, a *dignidade das pessoas*, assim como para compreender a **identidade** da região e o quanto este segmento da população contribui para seu **bem viver**.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Estimular a releitura dos estudos sobre a totalidade histórica do Vale do Taquari e dos povos que lhe dão origem, sustentação e identidade;
- Propor a reformulação dos planos político-pedagógicos(PPP) das escolas da região a partir da resignificação do papel social do negro na história regional e brasileira;
- Estimular pesquisas sobre temas que objetivam materializar a legislação pertinente à promoção da igualdade etno-racial nos espaços universitários;
- Introduzir, na região, a cultura da paz, alicerçada no respeito às diferenças com ações de universalização da dignidade humana.

Para atingir esses objetivos, desenvolvi uma pesquisa que, por sua vez, tem um método alicerçado nos passos que seguem. Realização de análise individual e detalhada de exemplar por exemplar do jornal O Informativo do Vale, disponível em seu acervo<sup>1</sup> público, com uma leitura dinâmica e quando necessária, conforme minha visão, leitura aprofundada das reportagens e interpretação das fotografias que

---

<sup>1</sup> Cabe observar que o acervo possui as publicações encadernadas com todos os exemplares desde a primeira edição de 08 de maio de 1970, disponibilizadas na Biblioteca Pública Municipal João Frederico Schaan através de um termo de compromisso, firmado em 08 de maio de 1992 entre a administração municipal e a empresa jornalística, pelo qual, o município de Lajeado passava a ser o fiel depositário do acervo.

estavam diretamente relacionadas com os objetivos. Também apliquei um questionário com perguntas semiestruturadas para veteranos, professoras e estudantes, com os quais pude reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos sínteses, quantos julguei necessário para expressar uma “figura”, ou seja, um determinado pensar ou representação social sobre o fenômeno estudado.

Este trabalho está constituído das seguintes partes:

Capítulo 1, **No contexto: a negritude branca!** Eu, sinteticamente, apresento o que significa a negritude ser branca, no contexto da minha pesquisa;

No Capítulo 2, **Por que reconhecer a negritude: a problemática invisível**, discorre sobre o problema que é o reconhecimento da concretude. Reconhecimento da negritude é o eixo transversal que permite compreender e entender o porquê desta pesquisa;

Já o Capítulo 3, **No reconhecimento: a chave decodificadora**, diz respeito ao reconhecimento como categoria de análise, o meu marco analítico;

O Capítulo 4, **O real e o imaginário da negritude em Lajeado**, conduz às informações e aos dados. Estes, segundo a minha metodologia, estão comprovados através de documentos, reportagens e entrevistas, que são apresentadas e analisadas em separado e de diferentes maneiras, pois, a todo momento persigo e busco compreender como as coisas significam no imaginário e como o reconhecimento leva à identidade e ao bem viver. Não é reconhecimento pelo reconhecimento. É o reconhecimento de uma identidade que se dá com a finalidade do bem viver;

No Capítulo 5, **Considerações finais**, registro as compreensões a que consegui chegar a partir do material obtido nas entrevistas, nas reportagens, nos depoimentos dos veteranos. Não é um ponto final, mas um ponto e vírgula, pois este trabalho demonstrou a possibilidade de outros olhares, outras pesquisas, outras abordagens mais aprofundadas que poderão potencializar para melhor as relações étnico-raciais neste nosso imenso país.

## 1 NO CONTEXTO: A NEGRITUDE BRANCA!

O presente trabalho versa sobre situações singulares do Vale do Taquari, remete a situações de vivências dos negros nesta região do Brasil Meridional, considerando que essas vivências são frutos de um processo histórico, que tem na discriminação, hierarquização e desrespeito pelas minorias étnicas, o modo de ser fundante da sociedade brasileira já apontado por Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre e Milton de Almeida Santos:

A distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres dos ricos. A ela se soma, porém, a discriminação que pesa sobre os negros, mulatos e índios, sobretudo os primeiros. Entretanto, a rebeldia negra é muito menor e menos agressiva do que deveria ser. Não foi assim no passado. As lutas mais longas e mais cruentas que se travaram no Brasil foram a resistência indígena secular e a luta dos negros contra a escravidão, que duraram os séculos do escravismo (RIBEIRO, 1995).

A escravidão desenraizava o negro de seu meio social e desfazia seus laços familiares. Além dos trabalhos forçados, ele era usado como reprodutor de escravos: era preciso aumentar o rebanho humano do senhor de engenho. As crias nascidas eram logo batizadas e ainda assim consideradas gente sem alma. A Igreja, esteio dos poderosos, agia da mesma forma no tratamento dado ao negro. A mulher escrava fazia a ponte entre a senzala e o interior da casa-grande e representava o ventre gerador. As negras mais bonitas eram escolhidas pelo sinhô para serem concubinas e domésticas. Objeto dos desejos sádicos dos homens, do senhor de engenho ao menino adolescente, a negra sofria por parte da mulher branca os castigos mais variados. Se a beleza dos seus dentes incomodava a desdentada sinhá, esta mandava arrancá-los (FREYRE, 1998).

Há uma relação entre corporeidade, individualidade e socialidade. Essa relação vai também definir a cidadania. Neste país, por exemplo, a cidadania dos negros é afetada pela corporeidade. O fato de ser visto como negro já é suficiente para infernizar o portador desse corpo. Por conseguinte, a diferenciação entre "cidadanias", dentro de uma mesma sociedade, é relacionada com a corporeidade (SANTOS, 1996).

Esse modo de perceber e entender a negritude está diretamente relacionado a um modo de pensar e entender educação que se materializa também nas diretrizes legais, educacionais e culturais deste país.

Tal fato pode ser visto no Art. 5º da Constituição de 1988, **todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.**

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Este artigo necessita de uma análise mais detalhada, pois remete a uma questão discutível e que merece avançar na reflexão: tratar desiguais de maneira igual é e pode ser considerado, no cenário Brasileiro, como sendo uma ação de manutenção do que está posto: qual seja o status da discriminação e segregação do negro.

Um primeiro conjunto de elementos para análise diz respeito às vivências no Vale do Taquari que, por serem distintas em função da formação populacional e das características locais, não se repetem em outros espaços, porque o vale, embora habitado por várias etnias, é administrado essencialmente por descendentes de imigrantes europeus. Imigrantes que constituíram um modo de ser e agir a partir do modo como fincaram suas raízes, criando para si e para os seus, um modo de ser e agir que se tornou para eles, um lugar ideal de bem viver.

É importante destacar este elemento, porque aos que não fazem parte deste grupo, os negros, não restou outra possibilidade de vida a não ser construir estratégias de sobrevivência às margens do Vale.

Assim, sem as melhores condições para garantir a vida (como diz a Constituição Brasileira) esse segmento social buscou na assimilação e na semelhança do modo de ser do grupo branco o reconhecimento de sua presença enquanto sujeito de direitos.

Outros buscaram na resistência - ou no confronto - o reconhecimento negado visando com isso que outro jeito de ser e de agir fosse considerado também. Aqui, de certo modo, se evidencia no Vale aquilo que Martin Luther King apontou<sup>2</sup> que as pessoas deveriam ser julgadas por seu caráter e não pela cor de sua pele.

Para a construção do contexto no qual aparece ou não a negritude, o texto será organizado de modo a observar que este fenômeno social – reconhecimento de um ator social e/ou sujeito social – seja possível de ser compreendido a partir da análise em dois sentidos: na sua perspectiva macro e micro social.

---

<sup>2</sup> No discurso “Eu Tenho Um Sonho” realizado em Washington, no dia 28 de agosto de 1963.

## 1.2. Do macro ao micro

### 1.2.1 Brasil

Ao desenhar o contexto da negritude é essencial ter presente os fenômenos de exclusão e injustiça que consolidam determinadas relações étnico-sociais. Para melhor compreensão dos fatos precisamos conhecer no processo histórico, o modo pelo qual os negros foram inseridos no contexto brasileiro. Neste sentido, é importante salientar que a presença negra neste cotidiano não é fruto da sua livre escolha, sua presença é fruto da imposição da demanda mercantilista européia que os capturou, traficou, comercializou e os escravizou aqui e em outros espaços de suas colônias<sup>3</sup>. Feitos prisioneiros em seu território de origem, a África, foram trazidos para o Brasil como mercadorias em 1548, por motivos essencialmente econômicos<sup>4</sup>.

Foram 340 anos de escravidão oficial (1548-1888) em que a economia do Brasil sustentou-se na mão-de-obra dos negros<sup>5</sup>. Em 1888 foi assinada a Lei Áurea que dava por encerrada a escravidão oficial neste país, no entanto, sabe-se que nos anos subsequentes a essa lei, perpetuaram-se fenômenos de injustiça e exclusão dos negros, pois sua vida ainda era muito degradante sendo grande exemplo desta situação a Revolta da Chibata (1910), em que os marujos negros, rebelaram-se na Costa do Rio de Janeiro, contra os castigos físicos (chibatadas) que recebiam dos

---

<sup>3</sup> Tais registros são discursos recorrentes nos livros didáticos que narram à história do Brasil Colônia.

<sup>4</sup> Tal afirmação encontra assento na Carta de Foral um dos dois documentos pelo qual o Rei de Portugal contratou com os donatários a empresa de colonização de exploração do território brasileiro. Neste documento estavam explicitados os direitos e deveres dos donatários relativos à exploração da terra (COTRIM, 2005 p. 217- 221). Entre estes, os percentuais de lucro de cada uma das partes na exploração financeira da colônia. No documento não constava tarifação de impostos pelo comércio de escravos que sem previsão, movimentou grandes valores, dada à dificuldade de apresamento dos nativos locais. Assim, sem a possibilidade de impor uma mudança de contrato sem acolher grande prejuízo, o rei português optou por utilizar-se da fé dos colonizadores através da IGREJA como tática para modificar as regras do processo de colonização sem ser ele o modificador do contrato. Nestes termos que em 1548 chegaram ao Brasil juntamente com Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, os negros cativos e os jesuítas que condenavam a escravização dos nativos locais (Idem, p. 175). E, no site <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/carta-foral/carta-foral.php> encontram-se referências quanto à carta de foral que podem esclarecer sobre sua pertinência.

<sup>5</sup> Sobre isto nos servimos de Sobrados e Mucambos de Gilberto Freyre quando trata sobre Escravo, animal e máquina, apontando a utilização de animais e o surgimento das máquinas como fatores que aliviaram os senhores da dependência exclusiva de utilização dos negros como fornecedores de força motriz e de alimentos como o leite materno. Freyre pondera que tais situações apenas atenuaram o trabalho escravo que só se tornou arcaico e obsoleto com o desenvolvimento e democratização da máquina, qual seja após o período da globalização da industrialização da produção.

oficiais da marinha brasileira. Se o Estado os mantinha, tantos anos após a abolição, como sujeitos inferiorizados e passíveis de sofrerem castigos físicos, o que podemos imaginar sobre o que ocorria nas fazendas ou outros espaços não oficiais deste país.

Corroborou para situação de exclusão com relação aos negros brasileiros a lei que “aboliu” a escravidão, pois, antevendo a necessidade de libertação dos escravos, o governo imperial instituiu a Lei de Terras Nº. 601/1850 (18 de setembro) que visava atrair imigrantes europeus para substituir a mão-de-obra negra. Ela previa garantias de acesso a terra e a ferramentas, bem como subsídios por tempo mínimo necessário para que esses imigrantes constituíssem as condições de sobrevivência. Ao contrário da Lei de Terras, a Lei Áurea<sup>6</sup> continha apenas dois artigos, nos quais não estavam previstos o processo de inserção social dos sujeitos até então escravizados na sociedade livre, nem compra de terras, casa ou subsídios para moradia e/ou garantia de trabalho e sobrevivência mesmo que por um período curto de tempo.

Essa condição empurrou os negros que ousaram abandonar as fazendas, a partirem para os quilombos<sup>7</sup> ou para os centros urbanos em busca de outro modo de vida que não a de habitantes das senzalas. Nos espaços urbanos tornaram-se a mão-de-obra barata e informal, exército de reserva, formando inúmeras favelas com casebres montados a esmo nos morros que circundavam os grandes centros. Algumas das quais persistem até os dias atuais em todo o território brasileiro.

A vida “urbana” constituiu um grande desafio para estas pessoas, pois, invisibilizadas pelas políticas de sucessivos governos, foram mantidas alijadas das políticas de educação, saúde, segurança e assistência, qual sejam, políticas de reconhecimento e inclusão social. Evidenciando a estratégia branca de não reconhecimento destes como pessoas portadoras de direitos que as colocariam em situação de dignidade social.

---

<sup>6</sup> ***“Lei Áurea Nº. 3.353 de 13 de Maio de 1888 Declarou Extinta A Escravidão no Brasil”.***

A Princesa Imperial Regente, em nome do Imperador, Sr. D. Pedro II faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e Ela sanciona a Lei **Nº. 3.353**:

Art. 1º - É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

<sup>7</sup> Na linguagem africana Iorubá, “quilombo” significa “habitação”. As habitações de negros fugidos surgiram, na América, a partir da luta contra a escravidão africana nas colônias européias. Como sinal de protesto às condições desumanas e degradantes a que estavam sujeitos, os negros escravizados nas fazendas coloniais ou nos outros espaços reprodutores da cultura escravagista. Dentre outras estratégias, os negros passaram a organizar-se através dos quilombos que constituíam territórios de resistência social às modalidades de exploração do trabalho negro.

A “liberdade” chegou legalmente, mas na prática, a vida continuava cativa na medida em que as pessoas permaneciam excluídas, tanto das políticas públicas quanto da possibilidade de acesso ao trabalho formal, muitas se viam forçadas a permanecer cativamente nas grandes fazendas.

Décadas se passaram, muitas e diferentes formas de luta e sofrimento, nas inúmeras tentativas de superar os obstáculos que os afastavam da dignidade social. Alguns pequenos avanços que realimentavam as energias para continuar lutando e buscando novos avanços legais.

Na contemporaneidade, a Constituição de 1988 anuncia em seu Art. (5º)<sup>8</sup> a igualdade de direitos perante a lei maior do país, no entanto, não basta a existência da lei, é necessário garantias de acessibilidade à mesma pois os negros continuam morando em favelas, a política de cotas garante o acesso e não se compromete com a permanência destes sujeitos na academia, os presídios estão majoritariamente lotados por pessoas da etnia negra. Passados cento e vinte e três anos da assinatura da Lei Áurea e vinte e três anos da promulgação da Constituição de 1988, a situação dos negros no Brasil continua a chamar a atenção, pois não há na sociedade uma situação de garantir aos mesmos a condição de dignidade humana. Pois, pertencem ao povo negro, a maioria dos que moram em favelas, dos que vivem no/do lixo, dos que são alfabetizados funcionais, dos que superlotam os presídios, das que se prostituem e dos que são assassinados na juventude. Por isto tudo, encontram-se na categoria dos “sem direitos”.

Desde 2002, o número de homicídios envolvendo a população branca vem diminuindo, enquanto ocorre um aumento de assassinatos da população negra. É o que revela o Mapa da Violência 2012 (WASELFISSZ, 2011b). A quantidade de vítimas brancas caiu de 18.852, em 2002 para 13.668, em 2010, ou seja, uma queda de 27,5%. No mesmo período, o número de vítimas negras aumentou de 26.952 para 33.264, aumento de 23,4%. Para o autor do estudo, Julio Waiselfisz, a

---

<sup>8</sup> Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade,...



privatização da segurança pública no Brasil ajuda a aumentar essa diferença (WAISELFISZ, 2011b).

Tabela 1 – Número de Suicídios na População Total por Raça/Cor. Regiões e UF. Brasil, 2002/2005/2008.

UF/Região	Branços				Negros			
	2002	2005	2008	Δ%	2002	2005	2008	Δ%
<b>Sudeste</b>								
Rio Grande do Sul	947	985	1.045	10,3	81	89	107	32,1

Fonte: SIM/SVS/MS apud WAISELFISZ, 2011a.

Tabela 2 – Pessoas de 15 anos ou mais de idade, total e distribuição percentual por influência da cor ou raça na vida das pessoas, segundo as Unidades da Federação selecionadas – 2008.

Unidades da Federação Selecionadas	Pessoas de 15 anos ou mais de idade			
	Total (1)	Distribuição percentual por influência da cor ou raça na vida das pessoas (%)		
		Sim	Não	Não sabe
Total	49.511.805	63,7	33,5	2,8
Amazonas	2 277 880	54,8	38,6	6,6
Paraíba	2 823 492	63,0	30,7	6,3
São Paulo	31 816 646	65,4	32,2	2,5
Rio Grande do Sul	8 397 355	57,9	39,7	2,4
Mato Grosso	2 265 413	59,6	36,8	3,5
Distrito Federal	1 931 019	77,0	22,7	0,4

Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa das Características Étnico-raciais da População (2008) apud WAISELFISZ, 2011a.

(1) Exclusive sem declaração.

Como os dados das Tabelas 1, 2 e 3 apontam, a condição de negritude no Brasil necessita atenção, pois é crescente a violência contra os seus. Assim como é crescente, em princípio de terceiro milênio, o número de pessoas que se caracterizam como não negras aderindo a outras possibilidades de cores que não a negra, vide tabelas.

Tabela 3 – Pessoas de 15 anos ou mais de idade, total e distribuição percentual por cor ou raça, nas 14 categorias mais frequentes, segundo as Unidades da Federação selecionadas – 2008.

Unidades da Federação selecionadas	Pessoas de 15 anos ou mais de idade							
	Total (1)	Distribuição percentual por cor ou raça nas 14 categorias mais frequentes (%)						
		Branca	Morena	Parda	Negra	Morena clara	Preta	Amarela
Total	47540099	49,0	18,7	13,6	7,8	3,0	1,4	1,5
Amazonas	2158153	16,2	40,5	23,3	3,6	8,6	1,7	1,6
Paraíba	2755674	31,9	37,6	10,9	4,3	8,1	0,7	0,8
São Paulo	30616595	51,4	17,0	14,5	8,9	2,1	1,3	1,9
Rio Grande do Sul	8110801	63,5	10,5	3,8	5,0	1,9	1,6	0,4
Mato Grosso	2113582	30,4	29,4	18,6	9,7	6,1	2,0	1,0
Distrito Federal	1785294	29,5	16,3	29,5	10,9	4,8	0,7	1,0

Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa das Características Étnico-raciais da População (2008) apud WAISELFSZ, 2011.

Nota: Cor ou raça declarada de forma espontânea.

(1) Exclusive sem declaração

O retrospecto histórico e quantitativo apresentado foi nossa estratégia para evidenciar que a situação no negro e/ou da negritude no Brasil Meridional segue uma tendência mais ampla e não se restringe a determinadas regiões.

Percebe-se que toda essa situação aponta a necessidade da identificação de quem são estes sujeitos de que estamos falando quando nos referimos aos negros. Começo referindo que somos fruto das nossas vivências e que essas ocorrem limitadas por muitas fronteiras, dentre elas, opto pelas apontadas por Milton de Almeida Santos (1996), que são as barreiras da corporeidade. Nessa perspectiva e neste lugar, o Brasil, o negro foi introduzido com uma função social da qual ainda não se livrou. Qual seja ser a mão-de-obra gratuita, barata e para servir à classe dominante.

Na perspectiva do olhar dominante, o negro ainda é visto como sujeito vil, capacho, trabalhador braçal e descartável do qual fazem uso de acordo com as suas necessidades. São indivíduos com os quais não têm e não desejam ter nenhum compromisso ou relação.

A educação oficial proposta (pelo sistema de educação formal) induz a alguns membros da negritude a assumirem o jeito branco de ser, e o faz ao não incluir em seus Planos Políticos Pedagógicos (PPP's) e currículos, os referenciais sociais e

culturais correspondentes à cultura negra. As crianças negras aprendem nos bancos escolares que o sucesso se obtém no modo branco de ser e assim muitos buscam pertencer à sociedade pela assimilação e reprodução desse modo.

A abordagem desta pesquisa, entretanto, não se limita ao retrospecto histórico, ela se dá a partir de uma “entrada” singular: minha história, minha formação profissional e minhas andanças. Por quê? Porque compreender a negritude exige também a categoria do pertencimento para perder seu caráter de abstração e distanciamento.

O pertencimento, como *approach* metodológico nesta pesquisa permite articular com a perspectiva de Tzvetan Todorov:

*Cada quien vive primer lugar y efectivamente em su proprio cuerpo y no en la opinión de los otros (TODOROV, 2008, p. 87)*

*(...) las grandes corrientes europeas del pensamiento filosófico que se relacionan com la definición de lo que es humano: la dimensión social, el hecho de la vida em común , generalmente no se concibe como necesaria para el hombre (TODOROV, 2008, p.).*

E com Milton Santos: “[...] o valor do homem depende do lugar onde ele está; [...] o simples fato de ser visto como negro, já é suficiente para infernizar o portador deste corpo” (SANTOS, 1996, p. 8 - 10).

Assim sendo, perceber o negro não apenas como humano (ser biológico), mas na sua totalidade biológica, corporal e social exige e remete a visualizá-lo muito mais do que apenas um indivíduo que exerce determinadas tarefas, como: cortar cana, tocar o engenho, é a negra lavar, passar, arrumar a casa e amamentar os rebentos; ou nas suas diferenças simplificadoras: negro de casa, negro de ganho, negro manso, negro arredio, negro fugido, negro quilombola.

A construção social brasileira montou um ideal de homem no qual o negro não está inserido. Consequência desta construção, a exclusão do negro. Assim, rouba, mata, canta, joga bola, carrega e descarrega embarcações e caminhões. Negro é movimento de samba e capoeira, negro estuda, negro ensina e luta para obter o reconhecimento de sua condição cidadã.

Convém salientar, assim como o branco, Negro é isso e muito mais!

O negro no Vale do Taquari não se afasta muito da visão simplificadora de uma perspectiva dominante, aqui os negros continuam a morar na periferia em

casas mal construídas, ocupam postos de trabalho não formal tais como “chapa”<sup>9</sup>, faxineira, lavadeira, pedreiro, carpinteiro, serviços gerais. Para muitos desses negros a sua corporeidade os inferniza, pois os coloca na berlinda no que tange às políticas públicas de educação, saúde, segurança. Exemplo dessa afirmação será desenvolvido com mais propriedade nos depoimentos apresentados no capítulo 2, entretanto é preciso desde já destacar o modo como, na região, os negros buscam se defender e se proteger daquela leitura simplificadora: “Filho, sempre que você sair, leve a nota da bicicleta no bolso certo? Pois como você sabe somos negros e alguém pode pensar que você roubou esta bicicleta” (SOUZA, 2009, p. 70).

Estamos dizendo que a exclusão social se dá de múltiplas maneiras e uma das mais efetivas se constrói no espaço da educação não formal – no imaginário das pessoas – que ao fim e ao cabo os negros aderem ao modo branco de ver e entender o mundo. Fato esse que pode ser observado no site do Observatório da Diversidade Cultural, onde encontramos registro e análise da pesquisa sobre raça ou cor, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2008, que mostram o que é visível no que diz respeito à discriminação no Brasil. Destaca-se que,

No Brasil, a raça ou a cor têm influência nas relações do trabalho, seguido pela relação com a polícia/justiça, convívio social e escola. A conclusão é da Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População: um Estudo das Categorias de Classificação de Cor ou Raça” (PCERP), que coletou informações, em 2008, através de amostra de cerca de 15 mil domicílios nos estados do Amazonas, Paraíba, São Paulo, **Rio Grande do Sul**, Mato Grosso e Distrito Federal. O resultado dá conta de que 63,7% dos entrevistados percebem sua raça ou cor como fatores influentes em espaços da vida social.

Total de 96% dos entrevistados informou saber a própria cor ou raça. As cinco categorias de classificação do IBGE (branca, preta, parda, amarela e indígena), além dos termos “morena” e “negra”, foram empregadas. Entre as dimensões da própria identificação de cor ou raça, em primeiro lugar vem a “cor da pele”, com 74% de citações, seguida por “origem familiar” (62%), e “traços físicos” (54%) (OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL).

Nesse contexto de discriminação evidencia-se que ainda há muito por fazer para o reconhecimento dos negros como pessoas de direitos. As ações até então realizadas, por si só, não foram suficientes para superar os limites impostos por uma ideologia discriminadora da classe dominante. Pois nessa ideologia da classe dominante, o discurso do sujeito coletivo, evidencia um imaginário de perfil de sujeito ideal do qual os negros e seus descendentes não fazem parte.

---

<sup>9</sup> Trabalhador que carrega ou descarrega carga em caminhões, sem vínculo empregatício.

Assim, no Brasil e no exterior, surgem pesquisadores que se mobilizam e motivam a luta de combate ao racismo e demonstram a atualidade temática deste e de outros trabalhos<sup>10</sup> sobre a negritude no Brasil.

Nesse contexto de exclusão dos negros no Brasil, constituíram-se guetos, comunidades europeias fechadas, nas quais os remanescentes da negritude não encontraram reconhecimento a não ser se constituindo como negritude branca. Qual seja assumir um modo de ser que não corresponde ao seu de origem. A assimilação da branquitude foi o artifício lógico utilizado por muitos dos socialmente excluídos nos territórios brancos em busca da superação e ou diminuição do sofrimento.

Na constituição da sociedade brasileira, os estados do sul do Brasil receberam vários grupos de migração europeia que aqui se fecharam em comunidades com o argumento da defesa pelo qual impediram, o quanto puderam, o ingresso de pessoas de outras etnias e suas culturas no seio dessas comunidades, o Vale do Taquari é um desses espaços.

### 1.2.2 O Vale do Taquari

Assim como no Brasil, no Vale do Taquari ocorrem situações de discriminação que invisibilizam, excluem e marginalizam o povo negro. Tais situações legitimam a necessidade de análise da problemática da negritude no Vale e é pertinente, porque quando a negritude é apresentada de forma branca, ela perde

---

<sup>10</sup> LOPES, Dilmar Luiz. **Mobilidade social e identidade racial: o negro na perspectiva do ensino superior** (UFSM, 1999).

GRISA, Gregório Durlo. **As ações afirmativas na UFRGS: uma análise do processo de implantação** (UFRGS, 2009).

SILVA, Paulo Sérgio da. **Políticas Públicas e Mediação na Comunidade Remanescente de Quilombos de Casca** (UFRGS, 2007).

SOUZA, Eliane Almeida de. **A Lei 10.639/03 na formação de professores e o pertencimento étnico-racial em escolas públicas de Porto Alegre** (UFRGS, 2009).

SANGER, Dircenara dos Santos. **Abolição das desigualdades: Ações Afirmativas no Ensino Superior** (UFRGS, 2009).

OLIVEIRA, Vera Rosane Rodrigues de. **Políticas Públicas e Ações Afirmativas na Formação de Professores: cotas – uma questão de classe e raça – processo de implementação da Lei 73/1999 na UFRGS** (UFRGS, 2006).

OLIVEIRA, Ronaldo Jorge Rodrigues de. **Possibilidades de Uma Poética Afro-Ritualística em Educação** (UFRGS, 2009).

LIPPOLD, Walter Günther Rodrigues. **A África no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: possibilidades de efetivação da Lei 11.645/2008 e da Lei 10.639/2003. Um estudo de caso** (UFRGS, 2008).

a sua referência diferenciadora, pois os elementos de caracterização<sup>11</sup> são relativizados.

Habitado primeiramente por indígenas guaranis e caingangues, o Vale recebeu os açorianos que introduziram o trabalho escravo indígena e africano e começou a receber, a partir da Lei de Terras de 1850, as correntes migratórias da Itália e da Alemanha que não havia encontrado terras no norte e nordeste. Foi neste Vale que esses imigrantes encontraram as características necessárias e construíram a partir da sua cultura, os modos de ser e o imaginário social que se fundou nos princípios – de amor ao trabalho (*“liebe”*) - *“arbeit”* a ação coletiva que permitiu a construção da identidade regional.

Foi no espaço de trabalho, moradia e estudo do Vale do Taquari e em suas representações sociais que originaram os fenômenos que despertaram em mim a consciência da existência de discriminação racial. O Vale não é uma ilha isolada do resto do Brasil, apresenta-se como lugar de experiências singulares que o fazem, diferencia-se dos demais espaços deste país porque aqui as relações sociais são explicitamente conflituosas no que refere-se às representações étnico-culturais e ocupacionais dos espaços como em nenhum outro lugar.

Falar de negros em Lajeado (71.481 habitantes) tem sentido porque Lajeado é o município que se diz capital do Vale e, nessa condição de centro, concentra em si a representação heterogênea das representações sociais, étnicas que o compõe.

O Vale do Taquari (327.723 habitantes) conforme dados do Senso de 2010 apresenta uma população predominantemente de colonização europeia. Tendo sido primeiramente habitado por populações guaranis e caingangues, o Vale recebeu na primeira metade do século XVII, os primeiros contatos com o elemento europeu. Eram as expedições de Raposo Tavares, que buscavam capturar nativos para escravizar, pois o tráfico negreiro estava interrompido pela ação dos holandeses.

Ainda no período colonial formou-se a primeira estrutura agrária recebendo o nome de Taquari, sendo esse o primeiro entre os trinta e seis municípios que formam o vale. O município de Taquari foi colonizado por açorianos que traziam em sua cultura a utilização da mão-de-obra escrava negra.

Assim, tal informação tem o propósito de contextualizar a introdução do elemento negro nesta região, pois os valores socioculturais da cidade se

---

<sup>11</sup> Vestimentas, culinária, danças, e outras manifestações culturais, materiais, imateriais e sociais dos sujeitos negros assimilados pela hegemonia branca.

construíram pouco a pouco com o trabalho do negro. Entretanto, essa contribuição ficou obliterada na medida em que na segunda metade do século XIX, vieram os italianos e na sequência os alemães<sup>12</sup>.

É importante destacar esse fato, pois foram esses imigrantes que construíram a partir da sua cultura, dos modos de ser, o imaginário social que se fundou nos princípios – de amor ao trabalho (*“liebe”*) - *“arbeit”* a ação coletiva que permitiu a construção da identidade regional.

Para visualizar cenários, históricos, imagens, indica-se o acesso aos sites dos municípios do Vale, em especial de Lajeado, site da Prefeitura Municipal de Lajeado, onde se encontram fotos e informações sobre o município, seus bairros, “sua” história.

Na imagem que segue, o mapa da cidade de Lajeado é apresentado por que o município se intitula capital do Vale, e como tal, concentra em seus espaços as representações do imaginário instituído. Nele identificam-se os espaços de maior ocupação negra, bairros periféricos conforme Figura 1:

1. Bairro Santo Antônio; e adjacentes<sup>13</sup>
2. Bairro Santo André;
3. Bairro Moinhos.

Figura 1 – Mapa de Lajeado – RS e os espaços de maior ocupação negra.



Fonte: Google Maps, 2012.

<sup>12</sup> Em minha monografia de graduação em História, “O Negro na Historiografia Regional: da omissão a negação” (UNIVATES, 2005), apresentei um estudo no qual é possível conhecer o processo de formação e estruturação política e econômica deste território.

<sup>13</sup> Nações, Morro 25, Conservas.

Convém salientar que Este trabalho não pretende desconstituir ou diminuir a importância da contribuição dos imigrantes europeus, mas busca dar visibilidade e reconhecimento de igual importância à contribuição dos africanos<sup>14</sup> nessa construção, porque, reiteradamente, esse lugar e essa contribuição nunca foram reconhecidos.

---

<sup>14</sup> Embora citados no hino, os africanos e seus descendentes não são reconhecidos no cotidiano e nos meios midiáticos e/ou livros locais como colaboradores da construção da identidade regional.



## 2 NO CONTEXTO DA NEGRITUDE: O LUGAR DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A identidade do sujeito ideal do Vale do Taquari refletida no espelho da construção simbólica destes imigrantes é reproduzida na educação tradicional e pautada por esta compreensão do social que aponta como ideal, o modo branco de ser, e só reconhece os negros imbuídos de branquitude e de acordo com sua ideologia.

Pesavento (2002) nos ajuda a expressar os pressupostos que sustentam o imaginário social (alemães e italianos, portugueses e africanos, com engenho edificaram a cidade que hoje cantam) construído por estes imigrantes, assim como Maria Luiza Silveira Teles embasa o seu fazer pedagógico na proposta de educação escolar tradicional que perpetua a sociedade ideal concebida e acolhida por esses ao longo de sua vivência neste território. “[...] sociedade é sempre resultado de milênios de aprendizagem coletiva” (TELES, 1992).

É importante saber que a educação em nosso país sempre esteve voltada para atender aspectos de diferenciação econômica e social, pelas quais se organizou e seguiu os interesses e as mudanças governamentais ao longo do tempo e para isso apresento uma breve retrospectiva histórica da educação brasileira:

1. Durante o período colonial e a cargo dos jesuítas (1548 - 1759) esteve diretamente relacionada com o processo de mudança da mão-de-obra de escrava nativa para escrava africana. Uma das explicações apresentadas nos bancos escolares de ensino básico era de que o nativo americano não tinha em sua cultura o valor do trabalho e, de que os nativos africanos de determinada região daquele continente eram mansos e habilidosos. Analisando mais cuidadosamente os documentos de instalação da colonização (Capitanias Hereditárias) encontramos a Carta de Foral que estabelece os direitos e obrigações dos capitães donatários na empreitada colonizadora. Nesse documento não estava previsto o pagamento de impostos<sup>15</sup> e, devido ao grau de dificuldade de apresamento dos mesmos, elevou substancialmente o custo deste “produto”: o trabalhador escravo. Ao perceber que grandes valores eram movimentados no interior de suas colônias sem que a Corte recebesse um tostão sequer sobre as movimentações, o rei de Portugal buscou uma

---

<sup>15</sup> O sistema colonial mercantilista estava alicerçado na exploração dos territórios dominados por mercadores metropolitanos que pagavam impostos por todas as atividades econômicas exercidas no âmbito da colônia.

forma de alterar essa situação de maneira menos traumática e que não gerasse ao governo despesas de indenizações pelos plantéis de escravos que os colonizadores já possuíam. Foi diante dessas preocupações que o rei conseguiu a parceria do comando da Igreja Católica e implantou, juntamente com o Governo Geral, as missões jesuíticas. Cabe salientar que nesse processo a catequese foi a tática para introduzir a concepção de que os nativos eram almas pecadoras que deveriam ser salvas e não escravizadas, servindo para **convencer os colonizadores a abrir mão de seus escravos nativos e adotarem escravos africanos**. Paralelamente, o projeto de educação jesuítico pretendia converter os nativos ao modo de vida europeia sendo a catequese o artifício lógico utilizado para legitimar a escravização do negro africano e seus descendentes;

2. Durante o período colonial ao cargo de Marquês de Pombal (1759 - 1822), a educação esteve diretamente relacionada com o **processo de educação dos nativos, sua inclusão na “sociedade civil” e seu papel na formação do território brasileiro**, através de cartilhas para ensinar a ler, escrever e repassar a doutrina cristã;

3. No século XVIII, as revoluções burguesas desencadearam um vasto processo de independência das colônias decretando, na maioria dos casos, instalação de repúblicas<sup>16</sup> e o fim dos sistemas monárquicos. Esses processos alicerçados em **princípios de liberdade** criaram a expectativa de que a liberdade atingiria a todas as pessoas dos territórios, o que não aconteceu, pois os negros continuaram escravos;

4. Iniciou-se o século XIX e, após as disputas e transformações políticas, sociais e econômicas ocorridas na Europa no século anterior, uma nova fase da organização mundial que provocou a transferência da corte portuguesa para o Brasil sob a proteção da marinha inglesa. Tal fato propiciou a ruptura do monopólio português sobre este território e, **a partir dos interesses ingleses, o Brasil recebeu inúmeras instituições de ensino superior** visando suprir as carências provocadas pelo longo período colonial, criando assim, as bases para mudanças no cenário social e econômico do território, que logo passaria a ser império;

5. Com a instalação do império e sua primeira Constituição em 1824 na qual o capítulo sobre a educação assim foi definido: **“A instrução primária é**

---

<sup>16</sup> O Brasil, mesmo após a independência, continuou a ser império sob o comando de membros da família real portuguesa.

**gratuita para todos os cidadãos,”** cabe salientar que os negros continuavam escravizados e não pertenciam à classe dos cidadãos, portanto estavam excluídos desse processo. Em 1827, por intervenção dos parlamentares, foi criada uma legislação específica para a educação, a qual previa **escolas para letramento em todas as cidades, vilas e lugares populosos**. Os salários dos professores seriam atribuídos pelos governantes das províncias e a formação dos mesmos, seria custeada com recursos próprios. Os conteúdos a serem aplicados seguiam dos princípios da moral cristã aos regramentos da Constituição do Império e incluía a História do Brasil. Em 1835, surgiu a primeira Escola Normal, localizada em Niterói/RJ e, posteriormente, várias outras voltadas à formação de professores, todas de cunho privado, na maioria dos casos, vinculadas à Igreja Católica. A presença do Estado Imperial na educação era quase imperceptível, pois a sociedade era escravagista e autoritária, sendo o Estado formado para atender a uma minoria encarregada do controle sobre as novas gerações.

6. O fim do império, vindo com o nascimento da república no final do século XIX, significou uma profunda mudança no modo de organização da sociedade legitimada pela Constituição de 1891. Essa situação exigia **modificações nos princípios educacionais** que deveriam consolidar o novo jeito de governar o país agora republicano, bem como a aceitação do novo grupo dominante, os grandes fazendeiros do café. A república se instalou, a lei Áurea foi assinada, mas os negros continuavam inferiorizados, invisibilizados e não reconhecidos pelos novos governantes como pessoas portadoras de direitos;

7. O século XX foi período de várias mudanças, mas também de muitas permanências. Nos primórdios deste século, o governo dos cafeicultores paulistas vivia a dicotomia entre o arcaico senhor de escravos e o moderno homem de negócios. O crescimento das economias urbanas e do mundo dos negócios contribuiu para transformação dos senhores, em homens de negócio. Ou seja, era um momento de crise do sistema escravagista e de transição para uma sociedade capitalista e para tal a educação se move no sentido de criar um novo modelo operacional das relações contratuais para a nascente sociedade industrial capitalista (FERNANDES, 1979, p. 50-52);

8. A era Vargas trouxe consigo, a partir dos anos 30, o conflito entre o nacional e o estrangeiro e nesse processo de afirmação do nacional, em meio aos conflitos da II Guerra Mundial, a educação brasileira voltou-se para a construção da

identidade nacional e, mesmo nessa, permaneciam os reflexos e princípios de sujeito ideal, o não negro.

9. Nos “anos dourados” – a política desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek (1956 – 1960) pretendia desenvolver o país *cinquenta* anos em apenas *cinco* de governo. Assim, a educação esteve voltada para os processos urbanos e de industrialização. As obras públicas deram o tom na política econômica com verbas conseguidas pela abertura das porteiças nacionais ao capital especulativo e produtos internacionais. A construção da capital federal e de estradas de ligação e aproximação dos diferentes povos dos recantos brasileiros.

10. Os anos 60 se caracterizaram fundamentalmente pela contradição dos anos nacionalistas de Getúlio Vargas com a proposta de abertura para o capital internacional e culminaram em conflitos internos que serviram de argumento para o desencadeamento de um processo que, em nome de pressupostos de ordem e progresso, espalharam no campo da educação a cultura do medo e o combate ao comunismo que davam sustentação a um governo autoritário e repressor que interditou a liberdade de expressão cultural através da Ditadura Militar.

11. Nos anos oitenta levaram às ruas deste país milhares de manifestações de reivindicação exigindo a redemocratização nacional. Nesse clima foi instalada a Assembléia Nacional Constituinte no ano de 86 e, dois anos mais tarde, promulgada a Constituição de 1988. Seu marco alterava a estrutura política do país possibilitando a pluralidade partidária e, conseqüentemente, de opiniões. A nova Constituição sinaliza o reconhecimento das minorias e direciona-se para uma proposta de educação diferenciada, entretanto, ao fim e ao cabo é preciso ter presente que a escola de hoje, assim como as do passado, prepara sujeitos para intervir na sociedade a partir da lógica hegemônica que diz, cidadão é aquele que participa, vota, estuda, trabalha, é o branco cidadão ideal. Nela, os novos membros (brancos cultos) se formam dentro desses ideais.

Com o negro, isso não acontece porque nessa escola ele aprende que a sua cor, seu cabelo, seus conhecimentos sobre religião, sobre música não têm valor por não corresponderem ao modelo instituído.

Essa educação, enquanto espaço de formação tradicional, produz e reproduz a lógica hegemônica na qual os sujeitos negros não constituem elementos portadores de direitos e portanto, não merecem atenção das autoridades em relação as suas particularidades e necessidades. Nela, os negros não enxergam suas

trajetórias de vida nem nos livros, nem nos demais espaços escolares e os exemplos e pressupostos utilizados não dizem respeito ao seu cotidiano. Também não encontram em seus colegas de escola, representação significativa de sua etnia como exemplos de sucesso e prosperidade, o que os fragiliza e, na maioria das vezes, lhes rouba a vontade de continuar estudando nesse lugar em que são invisíveis.

As lutas sociais travadas neste período republicano desencadearam um longo e lento processo de transformações sociais que culminaram em conquistas de alguns avanços<sup>17</sup>. Avanços relevantes e que merecem consideração, entretanto mostram-se insuficientes na atualidade, pois a dívida social é muito grande assim como é grande o número de pessoas, especialmente as negras, que habitam uma faixa abaixo da linha da miséria.

Entendemos que as recentes mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) apontam para tentativa de ressignificação de conceitos relacionados à educação brasileira, entre as quais podemos destacar a Lei Nº 10.639<sup>18</sup>, de 09 de janeiro de 2003, em que o presidente Luis Inácio Lula da Silva instituiu a lei que altera a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo nas diretrizes e bases da educação nacional a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

A criação dessa lei, resultante da luta do movimento negro brasileiro que não aceitava a estrutura da educação como estava organizada, pois não atendia suas demandas e era responsável pela manutenção do "*status quo*" de desnivelamento entre as pessoas que compõem o povo brasileiro, representou um avanço na luta pelo reconhecimento do negro como pessoa portadora de direitos, embora por si só

---

<sup>17</sup> Consideramos avanços, a conquistas de direitos trabalhistas, a criação da SEPPIR (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), a criação da Lei Federal Nº 10.639/2003 (Inclusão da cultura afro nos currículos de educação básica), a aprovação da Lei Federal Nº 12.288/2010 (Estatuto da Igualdade Racial) a política de cotas.

<sup>18</sup> "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

não garanta a superação deste estado de coisas que até então vem diferenciando-o pela inferiorização em nosso país.

Mobilizações de militantes, simpatizantes e pesquisadores, especialmente os movimentos sociais negros do Rio Grande do Sul, conseguiram convencer o Ministério Público Estadual (MP) a incidir nas administrações públicas no sentido de exigir a aplicabilidade da lei. Tal incidência tem conseguido desacomodar gestores públicos que insensibilizados com a questão da negritude, nada fazem para superar os fenômenos que mascaram, inferiorizam e não (re)conhecem os sujeitos negros como pessoas de direitos na sociedade brasileira.

Algumas secretarias municipais de educação pressionadas pelo MP têm buscado profissionais que lhes apresentem “receitas” de como trabalhar as questões dessa lei, e, na maioria absoluta dos casos, o fazem somente para atendê-la. Diante disso, alguns poucos profissionais tentam sensibilizar gestores e educadores, mas, sobretudo a sociedade brasileira para que passe a corroborar para a implantação de uma nova mentalidade educacional a respeito da cultura afro-brasileira na educação.

É também problemática dessa questão, a falta de profissionais qualificados para trabalhar a temática nas escolas. Os poucos que existem trabalham sozinhos e desarticulados, o que fragiliza e reduz a potencialidade de suas ações pedagógicas. Tal situação é fruto da tímida intervenção das universidades na temática, o que se explica na própria essência da lei, que obriga a inclusão no ensino básico (fundamental e médio), mas não insere a mesma obrigatoriedade no ensino superior.

O baixo índice de pessoas negras com formação superior e pós-graduação pode ser entendido pelas questões acima pontuadas e ou a partir das pesquisas sociais que têm apontado, ao longo dos últimos anos, que grande parcela dos negros que ingressam no ensino fundamental não conclui o ensino médio. Dos poucos que completam o ensino médio, uma parcela insignificante acessa o ensino superior, muitos desses também não conseguem concluir esse nível de estudo.

A educação como vem ocorrendo, segue a tradição bancária de depósito de conhecimentos nas cabeças dos estudantes, essa tradição positivista serve aos que se beneficiam deste modo de organização social, que mantém privilégios alicerçados na fome, na miséria e desgraça da vida de muitas pessoas.

A educação vigente neste país é a mesma do século XIX segundo palavras do Secretário Estadual de Educação/RS, em palestra no Fórum Social Temático

(janeiro/2012). Este modelo incide sobre os educadores, sobre a ideologia que organiza a matriz curricular e nessa condição sustenta uma estrutura de classificação das pessoas entre “*homo sapiens*” e “*homo faber*” que distingue e classifica socialmente as pessoas deste país entre ricos e pobres. Como dito pelo secretário, sofremos os efeitos do pensamento do século XIX, quando os negros eram escravizados e cumpriam uma única missão: fazer. A eles não era reconhecida a possibilidade do saber, pois enquanto escravo não precisava apreender a ler, escrever, desenvolver cientificamente os conhecimentos matemáticos, biológicos, geográficos, filosóficos ou outros quaisquer.

O problema maior é que entre o discurso e a práxis há uma longa distância, pois como apontado acima, essa educação enquanto espaço de formação tradicional, produz e reproduz a lógica hegemônica na qual os sujeitos negros não constituem elementos portadores de direitos e, portanto não merecem atenção das autoridades e serviços públicos com relação as suas particularidades e necessidades. Muito menos serem promovidos e ascenderem aos mais altos níveis da escala social deste país, derrubando uma tese que tem, ao longo dos séculos, perpetuado um modelo ideal de organização social no qual os letrados, cultos e brancos têm navegado em brandas águas.

À medida que a educação formal não dá conta das necessidades do povo pobre/negro, abre possibilidades do surgimento de outros espaços de formação não formais. Assim nascem as escolas da contravenção que arregimenta soldados para o mundo do crime, drogas, assaltos, homicídios, sequestros, estupros, etc. Mas essas não são as únicas escolas não formais que surgiram em função da lacuna aberta pela educação formal. Muitas comunidades, cansadas de verem suas crianças marchando para o mundo do crime, organizaram atividades recreativas em horário extraclasse, de forma a preencher o tempo das crianças e jovens procurando fortalecer valores de ética e moral do “bom cidadão”. Atendendo à demanda do mercado de trabalho, sindicatos de trabalhadores criaram escolas técnicas preparatórias de mão-de-obra para indústria e comércio.

Nos últimos anos, é crescente o número de projetos educacionais promovidos por organizações não governamentais que se destinam à promoção da cidadania e ao resgate de sujeitos em condições de vulnerabilidade social. Não por acaso, esses projetos se desenvolvem no seio das comunidades carentes onde a maioria absoluta dos habitantes são pessoas negras.

**Ao discutir o lugar e a visibilidade da negritude em espaços brancos é importante destacar nesse contexto sócio/político o lugar da educação escolar. Entendo que neste momento conceituar educação diferenciando e demarcando politicamente lugares é fundamental. Educação como conceito pode ser entendido da seguinte forma:**

[...] sociedade é sempre resultado de milênios de aprendizagem coletiva...  
[...] todo o aprendizado que a humanidade fez ao longo de seu processo histórico, o novo ser, deverá fazê-lo em poucos anos. A esta integração do novo membro, a esta introjeção de toda a riqueza cultural de seu povo, em termos de língua, costumes, religião, etc., chamamos de 'Educação' (TELES, 1992).

A escola tem um papel fundamental para os moradores dos quilombos contemporâneos, mas eles desejam uma escola sua, da comunidade, onde suas diferenças sejam respeitadas. A grande diferença que se deve destacar entre a transmissão do saber nas comunidades negras rurais e nas escolas é que, no primeiro caso, o processo, fruto da socialização, desenvolve-se de forma natural e não formal e, no segundo, o saber nem sempre está referenciado na experiência do aluno.

**A educação é um instrumento privilegiado para formar cidadãos capazes de conhecer e compreender, para saber discernir e, se necessário, mudar a sociedade em que vivem.** Atentar para a composição multicultural do povo brasileiro é condição essencial quando se tem por objetivo formar alunos e professores para o exercício da cidadania (CARNAÇA; ALMEIDA, 2010).

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário a máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, [...] (MÉSZÁROS, 2005, p. 35).

Neles se percebe a contradição, ou seja, educação como conceito é polissêmico e contraditório e depende muito de quem o analisa (ALBUQUERQUE, 2012, orientação/em sala de aula). Particularmente, penso que educação é, sobretudo, um espaço de disputa ideológica, espaço no qual os indivíduos são moldados, formatados e estimulados a seguir a concepção de vida dos gestores/formadores que também é apresentado no conceito de Mézszáros (2005), onde concepções de vida legitimam os interesses da classe dominante. Tal constatação orienta o meu fazer pedagógico no sentido de entender educação como construção da cidadania, da autonomia e do protagonismo social.

Os três conceitos acima apresentados apontam que educação é fundamentalmente a sistematização de valores sócio-políticos de uma sociedade e de um projeto de sociedade. Nesse sentido, os valores sócio-políticos de uma região-cidade são materializados em símbolos e signos percebidos como a



representação de uma identidade. Símbolos que exercem mais que simples representação do imaginário instituído, pois cumprem um papel educativo.

Os hinos possibilitam às pessoas reconhecerem que os grupos sociais que os compõem, o fazem para representar sua ligação com determinados fatos, manifestações sociais que os aproximam por suas identidades seja no esporte, na escola, na religião, na cidade, no Estado e no país.

Pelo exposto podemos compreender que o hino de Lajeado cumpre sua intencionalidade na consolidação das identidades locais, baseado nos valores do trabalho do colono agricultor (imigrante) como responsável pelas riquezas regionais em detrimento do português e do africano (negro) que não podem ser negados.

### Hino Municipal de Lajeado/RS

Álvaro Santi

Refrão:

**Lajeado!**

**Neste vale abençoado,**

Onde brota a ametista,  
O alimento a voz do artista

Capital, chamam a ti,

Deste chão rico e formoso:

Vale fértil, Taquari

Rio profundo e caudaloso.

Vem do solo tua riqueza

Mineral, cidade jóia.

No trabalho ela se apóia,

E no amor à natureza.

Refrão ...

**O colono agricultor,**

**Superando adversidade,**

**Conseguiu, com seu labor,**

**Cultivar esta verdade:**

Se é pequena a propriedade,

Pela terra é grande o amor;

**Menos guerra, mais suor,**

**Contra a fome, a amizade.**

Refrão ...

**Alemães e italianos,**

**Portugueses e africanos**

**Com engenho edificaram**

**A cidade que hoje cantam.**

Mais de um século passado,

Sempre jovem te conservas,

E o futuro te reserva

Liderança neste Estado.

Refrão ...

Como podemos perceber no refrão do hino de Lajeado, *alemães e italianos, portugueses e africanos com engenho edificaram a cidade que hoje cantam* são apresentados pelo autor em ordem inversa à cronologia de ocupação e de acordo com sua intencionalidade e grau de importância que atribuem ao processo de ocupação e contribuição de cada etnia para a cidade e para o Vale.

A construção deste imaginário atende à demanda desses imigrantes e pode ser compreendida a partir da leitura do capítulo 3. Uma cidade no espelho (1890 – 1910) no livro *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*.

Em princípio, o espelho reflete a imagem que sobre ele se debruça, como uma espécie de duplo do real. Mas, sem querer descer aos terrenos da psicanálise ou recorrer às metáforas das histórias infantis, sabemos que a imagem refletida depende do olhar de quem contempla, e, como tal o espelho pode operar de forma invertida e deformante.

A identidade, como se sabe, é uma construção simbólica, que estabelece uma comunidade de sentido e um ponto de referência no mundo (PESAVENTO, 2002, p. 157).

A partir dessa citação, podemos entender que um determinado imaginário se constrói através do espelhamento das construções que são apresentadas ao espelho, qual seja, nada ocorre gratuitamente, tudo é fruto da intencionalidade de quem tem a possibilidade de decidir a imagem ideal a ser refletida. No entanto, nos aponta também que a reflexão do espelho se apresenta inversa e deformada e como tal não representa o real.

É com essa compreensão sobre os pressupostos que sustentam a construção do imaginário que buscaremos avançar no próximo capítulo sobre o porquê se faz necessário reconhecer a negritude e o faremos através da análise da problemática invisível.

### 3 POR QUE RECONHECER A NEGRITUDE: A PROBLEMÁTICA INVISÍVEL

Conforme podemos verificar nos capítulos anteriores, a educação escolar, os protocolos legais, as leis, a lógica dominante e a matriz cultural do Vale do Taquari evidenciam o não reconhecimento dos negros. Tais constatações constituem a problemática desta pesquisa, qual seja o não reconhecimento, pois o negro não se percebe, além de não se perceber, ele não é visto e, ao não ser visto, torna-se invisível.

Antes porém, de aprofundar sobre a necessidade de reconhecimento da negritude, creio importante compreendermos o reconhecimento por suas definições lógico filológica, lógico filosófica e lógico política.

**Lógico filológica:** segundo o Minidicionário Luft (LUFT, 2000), Reconhecimento é: 1 – Lembrar como conhecido anteriormente. 2 – Admitir como certo. 3 – Observar; explorar. 4 – Declarar; afirmar; confessar. 5 – Mostrar-se agradecido por. 6 – Admitir como legal. 7 – Admitir como bom ou verdadeiro. P. 8 – Declarar-se; confessar-se. → **reconhecido** *add.*; **reconhecimento** *s.m.*; **reconhecível** *adj.* 2g.

**Lógico Filosófica Fenomenológica:** o reconhecimento é o verdadeiro ato de exteriorizar e encontrar-se a si mesma em um Outro, em uma outra consciência-de-si, ao mesmo tempo em que essa outra consciência percorre o mesmo caminho. O fim pretendido por cada um é o reconhecimento próprio, porém, para tal, será necessário o reconhecimento recíproco ao Outro (SOARES, 2009, p. 57).

**Lógico Política:** para Axel Honneth<sup>19</sup> reconhecimento é o resultado de um movimento recíproco que pode ocorrer em três dimensões distintas, sendo estas na família pelo amor, na sociedade civil pelo direito e no Estado pela solidariedade (HONNETH, 2003, p. 60). Ele acredita que um indivíduo só está em condições de identificar-se integralmente consigo mesmo na medida em que encontra para suas peculiaridades e qualidades aprovação e apoio também de seus parceiros de interação (HONNETH, 2003, p. 56).

Esta problemática do não reconhecimento, não é apenas fruto da vontade dos contemporâneos, mas resultante do imaginário social de cidadão ideal construído ao

---

<sup>19</sup> Filósofo e sociólogo alemão, desde 2001 dirige o *Institut Für Sozialforschung* (Instituto para Pesquisa Social de Frankfurt) da Universidade de Frankfurt, instituição na qual surgiu a chamada Escola de Frankfurt e professor de Filosofia Social na mesma universidade desde 1996.

longo do processo histórico que alicerça o modo de ser e de agir de uma sociedade. O não reconhecimento naturaliza o modo de ser e agir que desconsidera e insensibiliza a sociedade diante da exclusão social do negro. O que pode ser observado em relatos e histórias vivenciadas por veteranos, professores e populares, e são recorrentemente escutadas ou publicadas nos espaços formais e não formais de educação no Vale do Taquari.

Essas histórias dão materialidade ao imaginário instituído, motivo pelo qual precisam ser apresentadas neste trabalho facilitando a compreensão do fenômeno objeto desta pesquisa.

Começo apresentando recortes da crônica “Mergulho na Fossa”, que está publicada em livro como resultado de compilação de crônicas publicadas no jornal O Informativo do vale. Esta conta que:

***[...] Nos idos dos anos 30 no Hotel do Comércio no centro de Lajeado, um tal senhor Mertz, comerciante do interior do município, dirigiu-se ao cubículo reservado para atender suas necessidades fisiológicas e deixou acidentalmente cair seu revólver na fossa e desesperadamente solicitou ao dono do hotel que encontrasse alguém que mergulhe na m... pois ele estava disposto a pagar o que custasse.***

***[...] Os figurões para “serviços de qualquer tipo”, na época, eram o negro Marcelino e Pedro, dois prestamistas de serviços para conseguir alguma grana que desse para comprar pinga, pois, invariavelmente, os dois crioulos estavam bêbados já ao meio-dia e, à tarde, só sossegavam depois de uma tremenda briga entre si, à porretada e tudo mais.***

***[...] Discutidos os pormenores e a gratificação polpuda prometida por seu Mertz, suficientes para abastecer um bom número de porres, os dois crioulos organizaram o serviço, sempre descendo um, apenas de calção, por uma escada a dentro da fossa e a vasculhar com os braços a m... (...) se revezavam nesta função de mergulho, ficando o que estava fora preparado com um balde d’água para aliviar o perfume daquele que vinha surgindo das profundezas (STAHLSCHEMIDT, 1994, p. 11-12).***

Destaco a história porque ela se confunde com a história de muitos outros trabalhadores negros, negras da contemporaneidade em situação semelhante tendo que trabalhar como instaladores hidráulicos e/ou como faxineiras e por isso tendo que literalmente, “meter a mão na m...” para garantir seu sustento. É importante

salientar que estes trabalhadores só se submetem a esses trabalhos por impossibilidade de garantir seu sustento com outras atividades profissionais. Enquanto trabalho, sua ação é tão digna quanto a outras profissões. No entanto, a necessidade de se dedicar a essa atividade demonstrou no passado e demonstra no presente de tantos avanços tecnológicos, que algo está mal, pois necessitamos manter na ignorância teórica um grupo significativo de pessoas, para que, desqualificados se submetam a realizar os trabalhos que não desejamos realizar.

Não se trata de uma leitura simplista, nem tampouco do senso comum, pois retrata a manutenção de um imaginário do passado colonial que tinha no trabalho escravo a realização de todas as atividades consideradas degradantes.

Essa história expressa mais que o imaginário, expressa a realidade vivida pelos negros nesta cidade e região em função do imaginário construído, bem como seus reflexos psicológicos nas pessoas da etnia negra. Pois nos dias atuais ainda vemos homens negros, “chapas”, aguardando<sup>20</sup> nos trevos da cidade que algum camioneiro<sup>21</sup> precise de seus braços fortes para carga e descarga de mercadorias nas empresas de Lajeado e região, recebendo pela tarefa executada sem nenhum benefício trabalhista. Assim também foi no passado recente, período em que não existia em nossa região a ligação rodoviária com a capital do Estado sendo feita por hidrovias, esses sujeitos realizavam a mesma função nas companhias de navegação.

Outro fato conhecido do vale ocorreu durante o intervalo de uma partida de futebol realizada em Westfália:

[...] os jogadores da equipe da localidade se reuniram e um jogador assim procurou estimular os colegas a reagirem na partida em que estavam sendo derrotados: ***“Gente, nós alemão tem que se uni. Fica feio pra nós perde este jogo! Vamo pegá com vontade”!***

O detalhe é que **este jogador era preto como carvão** e para se compreender como tal fato ocorreu precisamos retomar a história de nosso país.

A história do Brasil nos indica que durante onda nacionalista no período da II Guerra Mundial foi proibido no país o uso do idioma alemão. Diante da

<sup>20</sup> É comum o uso do trabalho informal de homens como animais de carga, pois literalmente é sua função, carregar e descarregar caminhões nas empresas locais.

<sup>21</sup> Conductor de caminhões de transporte de cargas, seja ele autônomo ou funcionário de uma grande transportadora, é conhecido como camioneiro.

determinação, lideranças do então distrito de Teutônia, Linha Schmidt, hoje município de Westfália decidiram buscar no município de Taquari, uma família de brasileiros para lhes ensinar a falar a língua portuguesa. A família brasileira transferiu-se para a localidade e permanece lá até os dias atuais, mais que ensinar a língua nacional, incorporaram a fala e os costumes germânicos, e foi um membro dessa família o protagonista dessa história.

A terceira história ocorreu durante uma formação sobre a Lei Nº 10.639/2003 em uma escola estadual de Teutônia, os professores foram estimulados a recordar e socializar fatos vivenciados com pessoas negras ao longo de suas vidas, dois relatos serão aqui registrados para elucidar a visão hegemônica sobre os negros neste vale:

***Quando eu era criança, tinha uma vizinha negra que morava ao lado de nossa casa. Ela era muito boa, tomava chimarrão na cerca com a minha mãe. Ela era boa, se igualava a nós (Relato de uma professora veterana).***

***Nós não somos racistas, eu e a minha colega, nós éramos jovens e íamos juntas ao baile, nossos parceiros de dança eram negros. Lembro que o meu era cheirosinho! (Relato de uma professora com aproximadamente 40 anos de idade).***

São relatos, vivências que envolvem pessoas diretamente relacionadas à educação, pois o senhor Stahlschmidt foi professor e membro do grupo diretivo de uma grande escola privada do município de Lajeado, e as relatantes na escola em Teutônia são professoras; todos, formadores de opinião.

Assim como estas, existem muitas outras histórias vivenciadas no vale e, que elucidam o imaginário de cidadão ideal. Este imaginário induz a maioria da população local a protagonizarem atos de discriminação muitas vezes sem consciência, pois são manifestações de pressupostos ensinados nos seios familiares ou nos bancos escolares e que, portanto estão introjetados no imaginário local.

São histórias particulares, singulares, mas que mostram que em Lajeado existe alguma coisa que quer continuar invisível. A invisibilidade contraria o editorial de oito de maio de 1970 no lançamento do jornal<sup>22</sup> que se diz aberto a todas as pessoas, mas apresenta reportagens envolvendo pessoas negras, na maioria

<sup>22</sup> O Informativo do vale, maior jornal em circulação na região, onde apresenta: “O INFORMATIVO será vitorioso. Esta certeza tem seus alicerces na amizade que cultuamos acima de todas as coisas materiais.” [...] **“As portas deste jornal estão abertas para todos”**.

absoluta das vezes, em reportagens que demonstram de forma caricata, a inegável presença negra nos times de futebol com expressão da região (Lajeado, Estrela e Encantado), ou em páginas policiais quando envolvidos em furtos, brigas e/ou outros conflitos e em charges humorísticas (FIGURAS 2 e 3).

As Figuras 2 e 3 ilustram estas condutas que são recorrentes neste e em outros veículos de imprensa da região, são manifestações que sustentam a ideologia hegemônica que mantém os negros nos espaços marginais<sup>23</sup> dos municípios que o compõem. São quilombos não reconhecidos nas terras de difícil acesso, são vilas longínquas dos centros, ou na beira de rios e rodovias.

Figura 2 – Recorte de jornal mostrando a presença dos negros no esporte.



Fonte: Jornal "O Informativo do Vale", década de 70.

<sup>23</sup> Minha visão utópica pensa que o ideal fosse a eliminação dos espaços privilegiados. Minha percepção de realidade é incrédula quanto a essa possibilidade. Por isso, aposto na luta por reconhecimento dos direitos como ação capaz de promover passo a passo a conquista desses direitos.



Figura 3 – Recorte de jornal mostrando pejorativamente o negro como representação de problemas.



Fonte: Jornal "O Informativo do Vale", 10 mai. 1975.

As poucas pessoas que constituíram exceção a essa condição, foram descaracterizadas enquanto negras, pois não eram reconhecidas etnicamente. O que pode ser observado na trajetória de Manoel da Silva, homem negro, aposentado, 77 anos de idade, natural da Vila Sério então distrito de Lajeado, transferiu-se para a vila Lajeado nos anos cinquenta. Aqui fixou residência no atual bairro Hidráulica e criou junto a sua residência um salão de baile só para negros, já que esses, não podiam dançar nos salões da sociedade branca. O Sr. Manoel conta que realizou o primeiro baile em que tudo se misturou, ou seja, brancos e negros dançaram no mesmo espaço, e para fazê-lo argumentou a seus pares, *a gente trabalha junto, passa a semana junto porque então não podemos nos divertir juntos?* Conta que para realizar o feito, contatou com alguns amigos que eram membros da Brigada Militar e solicitou uma viatura no lado de fora do baile e que um policial que estava de folga e era branco começasse a dançar no baile. Como já previa, o policial



foi agredido, mas por sua experiência profissional conseguiu conter os agressores que foram presos e Manoel mandou continuar o baile.

A pesquisa no acervo do jornal permitiu constatar que nas reportagens não há registro do feito do Sr. Manoel que ainda hoje é figura de destaque na comunidade negra de Lajeado. Esse cidadão, mesmo sendo presidente de honra de uma escola de samba e destaque do carnaval de rua na cidade de Lajeado (FIGURA 4), nunca teve sua atuação como gestor ou liderança negra destacada socialmente pelo jornal, ao contrário, o reducionismo jornalístico apenas o vincula à festa do carnaval.

Figura 4 – Destaque de reconhecimento de um negro pela comunidade negra.



Fonte: arquivo pessoal do Sr. Manoel.

Outra liderança do movimento negro na cidade, Dona Zélia da Rosa de Sá, que além de liderança é também poetiza, nunca teve sua competência poética destacada na sociedade (em anexo a poesia/samba de enredo que sinaliza o lugar de liderança do Sr. Manoel e a leitura poética).

É significativo evidenciar que o reconhecimento dos indivíduos negros na região é feita a partir de seus pares - a comunidade negra do Vale – reconhece os indivíduos em sua habilidade, em sua singularidade, nas suas ações em prol da comunidade, nos seus valores e no modo como o caráter dos indivíduos se

materializa. Entretanto, tal reconhecimento, não é feito pelo grupo dominante o que possibilita, de alguma forma, que a luta dos negros pelo reconhecimento de sua condição de pessoas portadoras de direitos seja promovida.

A luta por reconhecimento dos e pelos negros aponta uma demanda e uma crise na contemporaneidade<sup>24</sup>. Do engenho para o quilombo, do bairro para a vila, da escola para as ruas, das ruas para as penitenciárias, da vida para morte, nesses e em tantos outros espaços, a ocupação do espaço social tem recorte étnico, em Lajeado, no Vale do Taquari, no RS, no Brasil e, certamente, tem.

A ocupação está diretamente relacionada às fronteiras sejam elas físicas, imaginárias ou virtuais. E a fronteira está intimamente ligada à ideologia dominante que construiu um imaginário que se afirma nos bancos escolares, e da qual se beneficia em detrimento dos demais atores sociais que compõe a sociedade.

Reconhecimento é um processo recíproco, pois é segundo Honneth (2003), **uma ação em que um indivíduo só está em condições de identificar-se integralmente na medida em que encontra para suas peculiaridades e qualidades aprovação e apoio também de seus parceiros de interação.**

A luta por reconhecimento dos direitos dos e pelos negros, no Vale do Taquari, região central do Rio Grande do Sul/Brasil, habitado predominantemente por açorianos, alemães e italianos, necessita ser ressignificada, pois nesta região que historicamente foi, e continua sendo, um dos lugares nos quais as correntes migratórias da Europa vieram em busca de outro lugar para ser e projetar o futuro de si e dos seus, não deve continuar centrada em ideologias ultrapassadas como as de Octávio Augusto de Faria que ao tratar sobre as diferentes colônias de Taquari, refere:

[...] o município tem núcleos coloniais povoados, a maioria formada por alemães e descendentes destes, posicionados em áreas próprias para a agricultura, regadas por regulares cursos d'água que ajudam a fertilizar a terra. O Morro Azul, uma destas áreas, possuía mais de 100 famílias, na maioria protestante. Os principais gêneros ali produzidos eram: milho, feijão, batatas, centeio, cevada, vinha, alfafa,... A colônia era grande produtora de banha, inclusive para exportação.

Em Arroio Grande, situada à beira da picada de mesmo nome, na encosta da cordilheira do Morro Azul e próxima ao arroio de seu homônimo, esta outra colônia que conta com significativa infraestrutura, como escola pública estadual, escolas de igrejas católicas

<sup>24</sup> Quando utilizo a palavra crise, o faço na perspectiva de um observador atento que percebe no mapa da ocupação geográfica uma grande distância entre os cidadãos e os não cidadãos alemães, italianos, brancos, negros, índios.

e evangélicas, subintendência, centro telefônico, este inaugurado em 1910. O distrito contava com: 1 ferraria, 2 curtumes, 1 selaria, 2 sapatarias, 1 cervejaria, 1 funilaria, 1 médico, 3 serrarias a vapor, 3 serrarias a água, 2 olarias, 1 açougue, 2 carpintarias, 3 marcenarias, 1 pedreiro, 1 farmácia e 12 casas de negócios.

A terceira e quarta colônias receberam poucas linhas onde assim são identificadas e caracterizadas, a terceira conhecida como colônia Santa Manuela e antigamente denominada Rusland, situada a margem direita do arroio grande, é colônia antiga e pouco há prosperado. A quarta colônia Nova Áustria, situada a margem direita do arroio grande e os limites com a colônia Teutônia é um núcleo muito próspero.

Ao encerrar seção sobre as colônias de Taquari, cita o nome de mais oito diferentes colônias sem nenhuma referência qualquer, encerrando a lista com "(...), etc". E no parágrafo seguinte, faz referência a um núcleo, a beira rio, situada a margem esquerda do Rio Taquari, assim relatada: (...) está inteiramente colonizada e é muitíssimo povoada, sendo a maior parte da população constituída por "nacionais". Acha-se dividida em pequenas propriedades agrícolas, predominando ai a cultura do milho, feijão, alfafa em larga escala, etc.; as cercas das diversas propriedades são na maior parte feitas por meio de plantio de marmeleiros, que se desenvolvem ai de modo extraordinário (FARIA apud ANJOS, 2005, p. 15).

A pesquisa de Faria demarca exatamente o que estamos denunciando, qual seja seu estudo se propõe a demarcar os espaços e suas ocupações possibilitando aos gestores comprometidos com um determinado grupo populacional e com suas visões de mundo, a aplicar os recursos públicos de acordo com os interesses dos mesmos. Este estudo foi realizado no início do século passado, mas é atual, pois ainda hoje encontramos as distribuições urbanas e rurais com distintas qualidades que por si alimentam gigantescas diferenças entre os ditos cidadãos.

Em vista disso, a questão de fundo que se apresenta o – reconhecimento - a busca de dignidade e autonomia para si e para os seus por parte de um segmento expressivo desta sociedade, os negros, tem sentido e deve ser analisada porque, (...) *o valor do homem depende do lugar onde está*; esta afirmativa nos apresenta não apenas uma, mas várias opções de interpretação, pois, quando alguém ocupa um determinado espaço, impede a ocupação deste espaço por outros, nesse sentido é perfeitamente compreensível embora não seja aceitável a reação dos contrários ao sistema de cotas para inclusão de negros num patamar acima do qual tem historicamente ocupado. Também por que... *“o simples fato de ser visto como negro já é suficiente para infernizar o portador deste corpo”* (SANTOS, 1996, p. 9 -10), aqui, aceito a afirmação de Santos e complemento, que o simples fato de perceber o processo de ocupação de espaços outrora exclusivamente brancos por sujeitos

negros, causa pânico demonizado nos que até agora se beneficiaram da ignorância afro-descendente.

Nessas afirmações, o importante geógrafo brasileiro Milton de Almeida Santos (1996) nos aponta um grave problema enfrentado pelos negros e seus descendentes no Vale do Taquari, qual seja, o não reconhecimento dos sujeitos negros e seus descendentes como membros dessa sociedade, assim negando-lhes as condições de dignidade<sup>25</sup>.

A dignidade da pessoa interpela a todo indivíduo enquanto integrante de sua comunidade, portanto, esta não aceitação impossibilita o sujeito de viver sua humanidade e tem relação com a identidade, pois, a situação problema apontada evidencia-se com forte recorte étnico-racial.

Assim sendo, esta comunidade plural<sup>26</sup> em sua constituição fragilizada e desconhecida apresenta um conjunto de relações que tem no contraponto da lógica social estabelecida a materialização do anticonstitucional na medida em que os pressupostos mínimos do indivíduo garantidos por lei não são aplicados. Não deveria a sociedade composta por seus diferentes matizes étnicos, respeitar e acolher com igual respeito a todos quantos colaboradores constituintes desta dita sociedade?

A dignidade, segundo Honneth (2003), só pode ser atribuída quando alguém é reconhecido como digno. A dignidade é o reconhecimento de parte do outro. Elencar a razão que impede os negros deste Vale de terem reconhecidas sua presença e sua contribuição constitui-se ação fundamental neste trabalho, até em atenção ao que disse a professora Ivete Huppés quando afirma, “*O Vale do Taquari sabe pouco a seu respeito, (...) ainda se encontra à espera, por exemplo, da investigação que lhes escreva com rigor a história, a partir dos povos indígenas que primeiro o habitaram*” (HUPPES, 2002, p. 8).

Entendo que a perspectiva histórica pode ser uma entrada analítica importante, mas incompleta no âmbito desta proposta, porque a narrativa histórica é feita pelos vencedores e nunca por aqueles que estão à margem da sociedade. Assim sendo, a retrospectiva histórica aqui apresentada é feita muito mais no sentido de delinear o horizonte e os marcos da pesquisa e explicitar uma dinâmica

---

<sup>25</sup> Fator garantido pela Constituição Federal de 1988 que aponta no artigo 1º, a dignidade da pessoa humana é um dos cinco fundamentos da Nação.

<sup>26</sup> Plural aqui está sendo utilizado no sentido de heterogêneo, múltiplo, diverso.

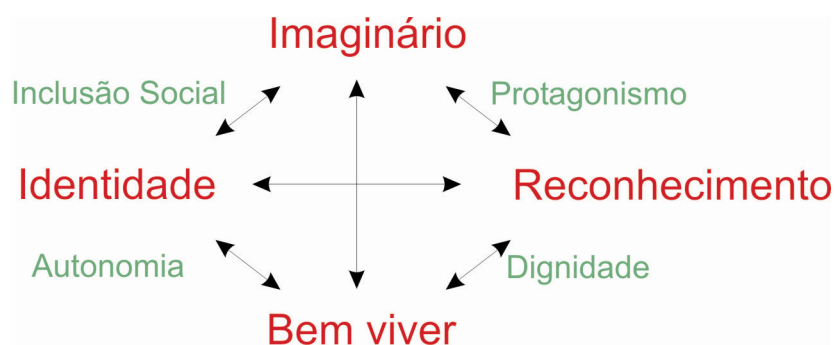
que tem similitudes – grupos sociais chegam a uma terra estranha – mas constituem diferenças fundamentais quanto ao lugar e à forma de atuação de cada grupo.

A chegada do povo negro, dos açorianos, assim como a dos brancos italianos ou alemães no país precisa ser brevemente apresentada, porque pode ser o equivalente de um desterro ou de uma diáspora. Este, como mão-de-obra escrava, aqueles, em decorrência do crescimento demográfico ou das disputas imperialistas europeias. A esse fenômeno alinha-se um movimento de transição político/econômico: de monarquia à república e de escravismo ao assalariamento.

Esses são processos de um passado e como tal não devem ser tratados como superados, mas ressignificados. A ressignificação começa pelo encontro de uma chave conceitual analítica que atua como chave decodificadora para que a análise dos fenômenos sociais não seja contaminada pela leitura jornalística. No reconhecimento de direitos está fundamentalmente em jogo a questão da dignidade humana e outros tantos direitos que não se encerram no momento em que esses direitos sejam obtidos.

### 3.1 No reconhecimento a chave decodificadora

Figura 5 – Sinóptico do Marco Interpretativo.



Legenda: ■ Conceito Chave ■ Conceito Satélite

A seguir apresentamos as principais categorias através das quais vamos analisar o fenômeno da invisibilidade da negritude na região do Vale.

Para tal, tomamos inicialmente por referência o conceito de imaginário de Cornélius Castoriadis (CASTORIADIS, 1982, p. 141-142).

Para Castoriadis:

[...] o imaginário é alguma coisa “inventada” – quer se trate de uma invenção “absoluta”, ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido, onde os símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações “normais” ou “canônicas;  
 [...] o que constitui a instituição é o simbólico;  
 [...] tudo que nos apresenta o mundo social-histórico está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico;  
 [...] a instituição não se reduz ao simbólico, mas ela só pode existir interada a ele (CASTORIADIS, 1982, p. 141-142).

As outras categorias chaves são: **reconhecimento** que, segundo Todorov, só pode provir do olhar do outro:

*El segundo hace lo mismo pero no se conforma y busca más que su satisfacción material, aspira a um reconocimiento de su valor que solo puedo provenir de la mirada Del outro (TODOROV, 2008, p. 42).*

Para **Honneth identidade** é e/ou se apresenta:

[...] um indivíduo só está em condições de identificar-se integralmente consigo mesmo na medida em que ele encontra para suas peculiaridades e qualidades aprovação e apoio também de seus parceiros de interação (HONNETH, 2003, p. 56).

[...] e **bem viver que** segundo Boaventura de Souza Santos é o ato de viver em harmonia com a natureza (grifo meu) que encontra eco em parte do texto de Martins (2010).

Muitos assumem novos conceitos para o “bem viver” como uma moda, sem saber o que expressam exatamente. No “bem viver” há uma dimensão profunda de espiritualidade e religiosidade. O pensamento ocidental não é capaz de incorporar facilmente esses elementos.

O quadro sinóptico do marco interpretativo apresenta os quatro elementos que servirão como conceitos-chave ou suporte para minha hipótese de trabalho:

**Está no reconhecimento do outro diferente de mim a alternativa de uma sociedade que pretenda o bem viver para todos; pois dignidade, protagonismo, autonomia e inclusão social não podem ser artifícios simbólicos de uma sociedade justa.**

Assim estes conceitos precisam materializar no cotidiano e ser apropriados pelas pessoas. Para tanto se trabalhou a articulação de conceitos-chave com

conceitos satélites<sup>27</sup> que se apresentam entrelaçados, mas nem sempre são evidentes.

A saber, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Conceitos-chave/satélite.

<b>Conceitos chave:</b>	<b>Conceitos satélites:</b>
Imaginário	Protagonismo
Reconhecimento	Dignidade
Identidade	Inclusão social
Bem viver	Autonomia/democracia/liberdade

O Vale do Taquari através dos tempos construiu um imaginário social pelo qual aponta a identidade e o desenvolvimento regional como fruto do protagonismo dos imigrantes, sejam eles alemães ou italianos. Tal imaginário encontra-se fartamente difundido pelas obras bibliográficas de autores oriundos dessas etnias, entre os quais podemos citar: Encantado: sua terra e sua gente, A história de Encantado em fotografias, Estrela: história e crônicas, Monografia do município de Taquari e Lajeado I.

Essas obras buscam muito mais reconhecer o trabalho imigrante como elemento essencial da cultura europeia que construiu e desenvolveu a economia regional minimizando ou omitindo o trabalho negro. Diferentemente dos “nacionais” que cultuam o pouco esforço, motivo pelo qual não progridem e vivem indignamente<sup>28</sup>. Convém salientar que esses grupos étnicos construíram este imaginário por possuírem as condições materiais para fazê-lo, ao contrário dos negros, também apontados como “nacionais”, que após três séculos e meio de escravidão, foram “libertos” com uma mão atrás e outra na frente, sem qualquer política que lhes garantisse inclusão social.

A identidade pessoal e coletiva são categorias fundantes da condição social dos indivíduos numa sociedade pautada pela diferenciação social através dos

<sup>27</sup> Entendo conceitos satélites como sendo aqueles que nem sempre se evidenciam, mas quando relacionados concorrem para o reforço e clareza analítica.

<sup>28</sup> Segundo o senso comum na região: os imigrantes são pessoas dignas e trabalhadoras, diferentemente, dos “nacionais” que seriam preguiçosos e por isso não progridem na vida. Percebe-se aqui os elementos que marcam uma identidade, uma forma de inclusão social, o protagonismo de um segmento étnico e o que ou quem são as pessoas dignas.

estereótipos<sup>29</sup>. Os sujeitos não reconhecidos pelos outros, como pessoas de direito, no caso, os negros, ficam excluídos das condições de dignidade humana.

A luta por reconhecimento<sup>30</sup> como pessoas de direitos é para os negros a única possibilidade real de obtenção do bem viver, fenômeno presente nos grupos sociais que desfrutam de liberdade e autonomia, categorias essenciais da democracia. Então lutar é necessário porque somente a apropriação desses elementos fará com que essas pessoas sejam percebidas como verdadeiramente humanas.

Convém ter presente os conceitos chaves e satélites no escopo desta dissertação, porque eles balizam este trabalho analítico, sendo assim entendidos:

- **Protagonismo**<sup>31</sup>: é a capacidade que os indivíduos têm de atuar à frente dos processos a partir da sua iniciativa e ou quando instigados por situações que tenham afinidade com o seu lugar social.

- **Dignidade**: é a condição pela qual os indivíduos interagem com o meio e pelo qual são reconhecidos; é valor social que se manifesta nos discursos individuais e coletivos.

- **Inclusão social**: processo pelo qual, em sociedade, os indivíduos são chamados a fazerem parte do coletivo; pode ser em função do seu lugar social e ou em função da sua precariedade e vulnerabilidade.

- **Autonomia**: capacidade e condição dos indivíduos escolherem e decidirem sobre situações que a vida lhes impõe.

- **Democracia**: Democracia é um conjunto de princípios e práticas que protegem a liberdade humana; é a institucionalização da liberdade e como tal uma meta permanentemente perseguida.

---

<sup>29</sup> “A identidade nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo público. [...] O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...] à medida que os sistemas de significação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2002 p. 12-13).

<sup>30</sup> Aqui temos presente Todorov quando afirma: *Esta necesidad nace poço después de nuestro nacimiento físico y solo se apaga em la inconciencia que precede a la muerte. El reconocimiento Del nuestra existência, que s El oxigênio Del alma: [...]* (TODOROV, 2008, p. 90).

<sup>31</sup> Os conceitos de protagonismo, autonomia, democracia, liberdade, dignidade e bem viver foram construídos a partir da leitura do Dicionário Paulo Freire (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008), relacionados à área de ciência política, no entanto foram deslocados e ressignificados para dar conta da ênfase da pesquisa e da intencionalidade do nosso projeto analítico.



- **Liberdade:** Se realiza quando se encontra com a liberdade do outro e no respeito mútuo do individual ao coletivo e vice-versa. Sendo fundamental para tanto, uma educação emancipadora.

- **Bem viver:** é processo que leva em consideração a capacidade de um grupo e ou dos indivíduos em pensar um projeto coletivo de modo a dar conta das condições sociais, econômicas e culturais levando em consideração as vocações e necessidades sociais; tem relação com um projeto de sociedade onde o bem estar e a felicidade dos indivíduos são resultantes do protagonismo, da dignidade, da liberdade, da democracia, da autonomia e não do crescimento apenas econômico ou da sua participação através do consumo.

## **4 NO IMAGINÁRIO DO VALE: A NEGRITUDE (IN)VISIBILIZADA!**

As informações que seguem apresentam os dados e/ou informações (secundárias e primárias) obtidas pelo recorte realizado junto ao acervo do principal jornal da cidade e pelas entrevistas realizadas junto a professoras, estudantes, adultos e veteranos.

As informações foram construídas da seguinte maneira:

### **4.1 Informações secundárias (reportagens de revista/ jornal)**

Os quadros sinópticos foram construídos da seguinte maneira:

- a) Primeiro se buscou no acervo do jornal, no período 1969/2000, aquelas reportagens que de algum modo ventilavam informações sobre negritude;
- b) Foram organizadas em função das categorias analíticas;
- c) As reportagens foram enquadradas em dois eixos – categoria conceitual e tipo de texto (editorial ou generalidades).

Propomos iniciar a análise a partir da imagem que segue pois é emblemática não só por ser capa da reportagem sobre a pobreza na cidade de Lajeado, estampada na Revista “Conheça o Vale do Taquari”, no segundo número da revista no ano de 1969, que antecede a fundação do jornal O Informativo do Vale e pertencia aos mesmos empresários que o fundaram e permanecem em sua direção, mas porque identifica plenamente o imaginário e o real da negritude neste Vale.

Figura 6 – Imaginário instituído.

**A outra  
Face  
de  
Lajeado**



O sorriso da velhinha JOSEFINA. 78 anos de dor e sofrimentos, 15 dos quais vividos, ora num, ora noutro barraco.

Não soltou uma palavra de queixa e ao sorrir, seus olhos riram de satisfação, porque pensava que nós poderíamos dar-lhe uma casa um pouco melhor.

Coitada da JOSEFINA, retrato do sofrimento conformado da nossa gente.

9

Fonte: Revista "Conheça o Vale do Taquari", n. 2, 1969.

A matéria com o título “A outra face de Lajeado” apresenta Dona Josefina (FIGURA 6), uma mulher negra com 78 anos na capa associando o sorriso da mesma ao retrato do sofrimento. No corpo da reportagem, outras imagens de pessoas essencialmente negras foram adicionadas para ilustrar a vida real das pessoas que residiam na Chácara da Prefeitura.

Para ilustrar um pouco do imaginário vigente naquele momento, transcrevo partes das declarações da jornalista<sup>32</sup> sobre suas concepções a respeito do local para o qual se direcionava em busca da matéria jornalística. Mostrando-se comovida com uma outra Lajeado, escreve sobre o processo de construção da reportagem afirmando que: **“[...] inconscientemente reparou que dirigia seu carro para fora da cidade em direção a Chácara da Prefeitura.”**

Dizia também que antes de entrar na referida Chácara tentou formar uma imagem do lugar, e, nas suas palavras:

***Que é que eu sabia sobre ele? Dei-me conta de que não sabia nada. Mesmo assim continuei meus devaneios: deve ser um pedaço de terra pública, onde a Prefeitura construiu um sem-número de casas, umas iguais às outras – talvez seja uma comunidade à parte. – Com certeza há privações aí!”***

***Minha gente! Não há palavra que expresse o baque que eu senti.***

***Aqui fora – na cidade – eu já condenava algumas coisas, criticava a falta de sentimentos, mas lá – aquele pequeno mundo (ou inferno) isolado que visitei – não há falta de uma ou outra coisa, ali há completa inexistência de princípios humanos.***

A jornalista se posiciona politicamente sobre o problema que a incomodava, qual seja, o desconhecimento e descaso da sociedade lajeadense com um grupo de pessoas que já naquela época viviam à margem da cidade.

No imaginário da região paira, nos dias atuais, a ideia constitucional de igualdade de direitos, segundo a qual, todos usufruem das mesmas possibilidades de organização da vida, entretanto isso não ocorre na prática. Analisando o contexto da negritude percebo que em Lajeado e na região, o povo negro permanece morando nas “chácaras das prefeituras” desprovidos de saneamento básico, transporte coletivo adequado, escolas públicas. E como apontado na reportagem mencionada, seus habitantes se encontram invisibilizados propositadamente sendo apenas reparados quando algum conflito lhes força noticiar os fatos ocorridos.

---

<sup>32</sup> O nome da jornalista não foi identificado no corpo da matéria.

A ideia de existência de igualdade está alicerçada na Constituição de 88 que, como já foi apresentada neste texto, tem no artigo 5º determinação nesse sentido, determinação que por desconhecimento da ‘ignorante’ população deste país não se constitui realidade. No real, percebe-se que os negros estiveram, ao longo da história deste país e deste Vale, sempre em condições de inferioridade social em relação aos não negros e, ao mesmo tempo, foram essenciais para garantir as condições de crescimento do “*status quo*” do grupo dominante, o que pode ser observado no livro Lajeado I, de José Alfredo Schierholt (1992).

O livro indica que os colonizadores portugueses requisitaram do governo imperial de Dom Pedro II, a posse legal das terras desejadas, e o fizeram baseados em suposto trabalho prestado ao império. Escravos foram distribuídos em terras devolutas para legitimar o pedido de posse das mesmas<sup>33</sup>. – aproveitando-se da Lei de Terras os colonizadores dividiram-nas em médios e pequenos lotes para especulação imobiliária adicionando melhorias, no território das fazendas, realizadas por intervenção do trabalho escravo e que tornava os lotes mais interessantes aos recém-chegados imigrantes.

Os veteranos comentam nas rodas de conversa da cidade de Lajeado que os negros foram jogados de um lado para o outro da cidade na medida em que a mesma se desenvolvia. Assim, por sua condição social, eles foram forçados a uma diáspora interna pela qual migraram do morro dos negros, que hoje é o conceituado Bairro Hidráulica, bairro vizinho ao centro da cidade, para o “Pirai<sup>34</sup>” local que recebeu este nome provavelmente pela proximidade com o rio Taquari. No entanto, este bairro também se desenvolveu e, atualmente, é o mais populoso da cidade, nele se encontra o Centro Universitário, agências bancárias, escolas públicas e privadas, e diversos serviços e comércios. Por essas informações é possível saber que mais uma vez foram deslocados para outro local, a grande Vila Santo Antônio<sup>35</sup> e ali se encontram majoritariamente até os dias atuais.

---

<sup>33</sup> No fim do século passado eram comuns registros de latifundiários que distribuíam cabeças de gado em seus latifúndios para demonstrar uma falsa produtividade que justificasse a ocupação produtiva da terra. Com esse gesto tentavam impedir que as mesmas fossem desapropriadas para fins de reforma agrária. No caso dos escravos, o objetivo era mostrar ocupação e defesa do solo, ações que legalmente fundamentavam os pedidos de posse de terras devolutas.

<sup>34</sup> O termo *Pirai* provém do Tupi, *Pirá* = peixe + *y* = água, rio: Rio do Peixe.

<sup>35</sup> Santo Antônio é um grande bairro habitado por famílias de baixa renda, A área que no passado servia a plantação de ervais, passou a ser habitada pelos trabalhadores que sazonalmente, colhiam a erva. Com o passar do tempo as plantações deixaram de ser realizadas no local e ali, foi instalada a “Chácara da Prefeitura”, local em que a prefeitura passou a ‘depositar os miseráveis da cidade’ vide reportagem nas páginas seguintes desta dissertação. Em torno deste bairro, foram

Em cada um dos bairros anteriormente habitados pelo grupo, permaneceram algumas famílias que resistiram às pressões sociais e/ou às investidas da especulação imobiliária da classe dominante, que tolerou suas presenças por imaginar que não significariam problemas ao bem viver nestas localidades, já que a maioria absoluta dos negros foi transferida para os casebres dos bairros periféricos da cidade.

O envolvimento com o tema de pesquisa como apontado anteriormente atravessa a minha vida. Nesse sentido, minhas indagações a respeito da negritude no período em que cursava a graduação, provocaram manifestações de colegas do curso de história, que moravam em pequenos municípios da região e noticiavam a existência de núcleos de pessoas negras habitando as “sobras” (terras indesejáveis ao cultivo pelos imigrantes), geralmente, em morros e divisas municipais (lugares em que se encontravam invisibilizados).

Já os membros do Centro de Cultura Afro-Brasileira de Lajeado apontam que no centro do atual Parque do Engenho existe uma lagoa e, no centro dela, uma ilha onde havia um tronco com argolas ao topo semelhante aos utilizados para castigar os escravos, o que evidencia a presença escrava no lugar. Outra evidência da presença negra no Vale são as senzalas encontradas no interior, em casarões onde os porões têm pequenas aberturas com barras de ferro. Um desses casarões pode ser encontrado no município de Boqueirão do Leão, hoje município do Vale do Rio Pardo, mas que no passado foi distrito de Lajeado, e segundo dados do Senso 2010, os negros nesse município são 23% da sua população.

Em Boqueirão do Leão, em Lajeado, no Vale do Taquari, as relações sociais estão mediatizadas pelo imaginário e, consolidadas pelas representações do real. Somando-se a isso os avanços tecnológicos e o desenvolvimento industrial que desencadeiam mudanças estruturais no mundo do trabalho, vemos consolidar em nosso país uma sensível diminuição do uso de trabalho braçal no campo e na cidade. Fator que contribui para o aumento da taxa de desocupação funcional de trabalhadores não especializados e condição pela qual se submetem a maioria dos negros.

---

surgindo outros com populações semelhantes (Morro 25, Nações, Conservas). Além desses que se incorporaram ao Santo Antônio, encontramos negros na vila São José (área alagadiça no centro da cidade), alguns remanescentes no Bairro COHAB de Moinhos e Bairro Santo André.

Quadro Sinóptico 1 – O imaginário. Categoria conceitual e Enquadramento da Informação.

Categorias Conceituais	Informações indiretas - secundárias Revistas jornais	
	Editorial	Generalidades
Imaginário	Alicerce na amizade que cultuamos acima de todas as coisas materiais (1970)	Sorriso da velhinha. A coitada traz o retrato do sofrimento (1969)

Fonte: Jornal O informativo do Vale - período de 1960 (1988) 2000.

Analisando o Quadro Sinóptico 1, percebe-se uma contradição entre o editorial e as generalidades, A relação de amizade cultuada como superior às coisas materiais contrasta com o delineamento do retrato do sofrimento. No Vale, os imigrantes, como já apontado anteriormente, vieram em busca de um lugar onde pudessem bem viver. Este bem viver, segundo minha percepção, está calcado no quanto esses imigrantes conseguiram conquistar em bens materiais, os tamanhos das propriedades rurais, os plantéis de animais,<sup>36</sup> e nas cidades, casas e ou apartamentos, carros, status nos clubes da cidade e ou festas sociais, casas em camping ou praia.

Como nos aponta Castoriadis, o imaginário é uma coisa “inventada” e se assim o é, tanto o editorial como as generalidades aqui apresentadas, embora antagônicas, são “invenções” da cabeça de uma mesma pessoa, essa afirmação se baliza no reconhecimento do autor desta dissertação do vocabulário e modo de escrita do até hoje diretor presidente dessa empresa jornalística. Suas falas nos dois espaços são mensagens subliminares aos leitores e com intencionalidades diferentes, principalmente, por que foram escritas em momentos e espaços diferentes. Enquanto a primeira publicada no editorial de lançamento do jornal, objetivando seu credenciamento, como veículo neutro de posicionamento, pois seu alicerce estará baseado na amizade com todas as pessoas não considerando suas condições econômicas. Na segunda, publicada 15 meses antes, em revista do mesmo grupo empresarial e que serviu de laboratório de ensaio para o lançamento do jornal, esta calcada de simbolismos e investidas de duplo sentido, à medida que

<sup>36</sup> Em 2004 na condição de professor de história numa escola estadual, no município de Marques de Souza, realizei um trabalho com os alunos no qual deveriam retratar a história de suas famílias através de fotografias. Na oportunidade, a maioria das fotografias apresentava em primeiro plano a propriedade, a casa, os animais viçosos e, em segundo plano, a pessoas da família. Nos debates sobre os mesmos, recordamos o hino dos imigrantes italianos que dizia que eles iriam fazer a vida na América. Estas fotos eram encaminhadas para os membros da família no país de origem para mostrar o quanto haviam prosperado na América.

faz parte do escopo de uma matéria que demarca territorialmente a existência de uma outra “face” em Lajeado, esta outra caracterizava outro modo de ser num mesmo território, qual seja, o município de Lajeado. São duas representações do imaginário que retratam duas formas de protagonismo ou não dos sujeitos retratados. E como diz Castoriadis, “(...) a instituição do imaginário não se reduz ao simbólico, mas ela só pode existir interada a ele” (CASTORIADIS, 1982, p. 141-142).

Quadro Sinóptico 2 – Reconhecimento.

Categorias Conceituais	Informações indiretas - secundárias Revistas jornais
	Generalidades
Reconhecimento	<p>Existe um bairro chamado Conservas. Gente boa. Muitos sem chance para viver como gente. Alguns perderam esta chance, outros não a tiveram nunca. Pitoresquismo e miséria. (17 ago. 1974, p. 4).</p> <p>Morro 25 publicidade que a gente não quer “De repente, todo mundo fala de um bairro existente lá nos fundos da cidade, [...] [...] No fim do mundo – cheio de gente imprestável e selvagem – [...] É triste, gente. Nós, pessoal da cidade bonita e iluminada, de ruas calçadas e limpas, podemos com a maior tranquilidade do mundo afundar na lama do desprestígio e da desmoralização [...] (21 dez. 1974, p. 14).</p>

Fonte: jornais no período de 1960 (1988) 2000.

Percebe-se no Quadro Sinóptico 2, sobre o reconhecimento utilizo Todorov, para o qual, reconhecimento só pode provir do olhar do outro (TODOROV, 2008, p. 42). Nestas reportagens, o jornal expressa exatamente o olhar de um sobre o outro, mas não qualquer olhar, é o olhar de quem privilegiado de berço, nasceu no seio de uma família socialmente reconhecida, economicamente estável, profissionalmente resolvido sobre quem vive exatamente o oposto dessa condição. Ter presente essa informação permite compreender os pressupostos ideológicos que mobilizam e organizam o jeito e a forma como o grupo hegemônico percebe a presença dos bairros Conservas e Morro 25, que são majoritariamente habitados por gente pobre, muitos dos quais negros, gente imprestável, selvagem, indigna. São duas matérias, duas narrativas carregadas de sentidos preconcebidos.



A maneira como é apresentada a existência do bairro Conservas demonstra a intenção do jornalista ao afirmar a inferioridade dos habitantes do bairro, levando-se em consideração que no período desta publicação o jornal não deveria ter neste bairro significativo número de leitores, melhor dizendo, assinantes do jornal que pudessem perceber e reclamar um outro olhar. Pode-se afirmar que essa escrita procura demarcar as fronteiras entre os segmentos sociais da cidade afirmando que os leitores, diferentemente dos moradores do bairro Conservas, eram pessoas com oportunidade de viver bem e que deveriam perceber (no não poder do outro que mora no bairro) a afirmação dessa condição.

A segunda matéria, uma carta de opinião do padre da cidade, escancara a existência de duas Lajeados, uma legal, digna, autônoma, livre e outra<sup>37</sup> invisível que fica nos fundos da cidade, cheia de gente imprestável, selvagem. Essas palavras identificam plenamente o não reconhecimento dos moradores do Morro 25 como pessoas dignas de receber a alcunha de cidadãos e, nessa condição, descredenciados a bem viver e a terem direitos. Uma vez não reconhecidos pelos outros, os sujeitos invisíveis não se enxergam, até porque o tempo todo lhes dizem os homens de bem da “cidade maravilhosa”: Você não é um cidadão!

Quadro Sinóptico 3 – Análise de jornais no período de 1960 (1988) 2000 – Identidade.

<b>Categorias Conceituais</b>	<b>Informações indiretas - secundárias Revistas jornais</b>
	<b>Generalidades</b>
Identidade	A negritude identificada na charge de forma humorística a qualidade futebolística dos negros contra os brancos (12 abr. 1975, p. 4).

Fonte: jornais no período de 1960 (1988) 2000.

[...], um indivíduo só está em condições de identificar-se integralmente consigo mesmo na medida em que ele encontra para suas peculiaridades e qualidades aprovação e apoio também de seus parceiros de interação (HONNETH, 2003, p.56).

No Quadro Sinóptico 3, analiso o fato de que, embora jogadores negros apareçam nas páginas esportivas de várias reportagens em que são destacadas seu bom futebol. Aparecem porque não são moradores locais e porque suas boas

<sup>37</sup> Como já afirmara cinco anos antes matéria da revista que antecedeu o nascimento do jornal, “A outra Face de Lajeado”.

atuações não agridem, não interpelam a identidade do cidadão ideal da região. Entretanto devo registrar que esses sujeitos em sua maioria não eram habitantes da região e, permaneciam nos municípios, somente durante o período de vigência de seus contratos, ou seja, sua inclusão nas páginas de jornal não implicaria em inclusão do negro nas rodas da sociedade regional.

No Vale, ainda hoje, são muito poucos os negros que ocupam funções ditas estratégicas nas empresas locais a ponto de figurarem nas páginas das colunas sociais. Do botequim à universidade, os cargos de maior relevância são ocupados por ilustres representantes das famílias italianas e alemãs. Negros em funções de destaque são exceção e aparecem apenas em áreas de excelência como alguma especialidade da medicina, prestador de serviços na publicidade, operadores do direito ou com doutoramento na educação

Neste mesmo período, a negritude era identificada humoristicamente em charges onde seu bom futebol aparecia em oposição aos brancos dos times de outras cidades, ou, como na imagem abaixo, em que a negritude anuncia o mau estado de conservação de uma rua da cidade de Lajeado com um conjunto de imagens depreciativas. Essas imagens reportam a identidade da negritude associada à “boa imagem” somente pelo humor, ou na afirmação da “má imagem” com a representação do indesejado, ratos, gatos pretos, mato, floresta negra, (vide imagem 2), de forma a não contribuir para que os negros locais, que já não tinham aprovação da sociedade hegemônica, encontrassem para suas peculiaridades e qualidades a aprovação e apoio também de seus parceiros de interação, que lhes permitissem identificar-se como membros desta sociedade.

Quadro Sinóptico 4 – Análise de jornais no período de 1960 (1988) 2000 - Bem viver.

<b>Categorias Conceituais</b>	<b>Informações indiretas - secundárias Revistas jornais</b>
	<b>Generalidades</b>
Bem viver	As únicas representações do bem viver da negritude aparecem retratadas nas reportagens futebolísticas, mais por imagens do que por entrevistas ou reportagens. (22 fev., p. 10 + 21 mai., p. 8 + 13 set., p. 15, todas no ano de 1975).

Fonte: jornais no período de 1960 (1988) 2000.

No Quadro Sinóptico 4, analisamos o fato de as representações do bem viver aparecerem retratadas apenas nas reportagens futebolísticas mais por imagens do que por entrevistas ou reportagens. A pergunta que não quer calar é: a que se deve tal fato? Seria porque no Vale não existiam negros com essa qualidade de vida? Ou devemos pensar na teoria da conspiração, em que a intenção seria não mostrar as exceções à regra, motivando os demais negros a lutarem para conquistar autonomia, democracia e liberdade que são elementos fundamentais para conquistar o bem viver?

#### **4.2 As informações primárias**

Se o imaginário social no interior é formatado pela mídia, em especial, a escrita que traduz o modo como os grupos dominantes fazem a leitura da realidade, buscou-se destacar nesta seção os elementos que modelam o imaginário social relativo à negritude.

Talvez a construção dos preconceitos – que são um modo de conhecer – que considera os negros sujeitos pouco afeitos ao trabalho, precise ser analisada nos seus elementos contraditórios.

Se a prosperidade da região e da cidade se construiu a partir da mão de obra negra, como e porque negam ao negro o lugar nesse processo?

Nas respostas das professoras, das crianças e dos negros veteranos buscou-se encontrar em sua percepção como cada um percebe as categorias que conduziram nossa pesquisa.

Essas percepções formam, assim como as informações secundárias organizadas em quadros que permitem ao leitor seguir a lógica do pesquisador na medida em que apresentam quadro a quadro a percepção, o significado e o significante de cada situação apresentada aos entrevistados.

Os reflexos dessas respostas podem ser complementados nos quadros sinópticos que interpelam e incidem no tema **CENTRAL DA NOSSA PESQUISA - reconhecimento dos negros - NO CONTEXTO REGIONAL**.

Quadro 2 – O imaginário. De que maneira é visto o negro nesta cidade?

Sujeito	Resposta	Significado	Significante
01	Vejo o negro como não cidadão;	Desconfiança perfil Sem importância	Negatividade condicionada à cor
02	Com desconfiança, incapaz;		
03	Não visto com bons olhos, com respeito e dignidade;		
04	Não é bem visto, as pessoas tem vergonha de ter amizade com pretos;		
05	Precário, muito racismo. Não é dada a oportunidade pros negros. O negro é sempre a última opção, é visto como causador dos maus (errados) serviços;		
06	O negro na minha comunidade é invisível, somos os únicos negros no bairro, alguns vizinhos não enxergam os negros, pois não têm valor nenhum como pessoas;		
07	É visto em geral de forma normal, esta consequência existe desde que o município iniciou com a maioria da população de negros, que hoje ainda tem um número bem significativo. Eles se retraem muitas vezes;		
08	Ainda é visto por pessoas preconceituosas como uma raça inferior;		
09	Percebem-se situações discriminatórias: casamento com negros são motivos de “comentários” * a situação sócio econômica está associada a essa discriminação;		
10	O negro como é minoria ainda é visto sem importância. Somente é visto como serviçal e em datas onde se fala da etnia;		

11	Mão de obra em potencial, clientela de assistencialismo social não vista nas estatísticas, pouca capacidade intelectual para o empreendedorismo, bom público para o consumismo;		
12	O negro é visto na minha cidade de uma maneira diferente por algumas pessoas preconceituosas ou racistas, porém tem pessoas que vêem o negro como outra pessoa qualquer;		
13	Bom, eu não consigo perceber a maneira ou opinião em relação ao negro em minha cidade.		

Fonte: Sujeitos entrevistados em Lajeado e região (outubro de 2011).

#### Expressão Chave

Síntese	Não há o reconhecimento porque o ator social – negro – tem sua percepção negativa e reforçada pelo imaginário social.
---------	---

Quadro 3 – O reconhecimento – Percepção desejada pelo negro. Como o negro deveria ser visto?

Sujeito	Resposta	Significado	Significante
1	Deveria ser visto como um homem de igual respeito;	Igualdade Respeito	Reciprocidade e respeito
2	Deveria ser visto como as pessoas de outras cores. Em Lajeado, a discriminação é total, enquanto nos bairros as pessoas se ajudam uns aos outros, no centro, se podem, puxam o tapete, especialmente, na prefeitura que é um poder público;	Reciprocidade	
3	Com carinho e respeito com simpatia para que o negro possa se sentir bem;		
04	Com respeito e com dignidade;		
05	Deveria ser visto com igualdade como os outros (alemães/italianos);		

06	Deveriam ser vistos como cidadãos, aceitos como as outras pessoas;		
07	Deveriam ser vistos como as outras raças, normais, cada uma dentro da sua cultura, de forma humanitária com todos os seus valores;		
08	Deveria ser bem visto e valorizado, sendo respeitado acima de tudo;		
09	Com naturalidade, sem distinção de cor ou classe social. O resgate de regras e promoção dos valores de convivência poderá auxiliar nas mudanças;		
10	Deveria ser visto todos os dias durante o ano, principalmente nas escolas onde se lembram do negro somente nas datas onde se faz referência nos livros. Porque não trabalhar o tema durante o ano englobando em outros temas ou conteúdos tais como cultura, religião, música bem como as contribuições dos negros à região, Estado, País,...;		
11	Só serem vistos já é algo, mas seria bom haver mais espaços decisivos e fundamentais dentro da sociedade lajeadense;		
12	O negro deveria ser visto de uma maneira normal por todos porque como para nós ser branco é normal, para eles ter a pele de cor morena também é normal;		
13	O negro deveria ser visto com mais respeito, do mesmo jeito que o branco é visto na sociedade, pois muitas pessoas ainda pensam que os negros		

	têm menor valor que o branco.		
--	-------------------------------	--	--

Fonte: Sujeitos entrevistados em Lajeado e região (outubro de 2011).

#### Expressão Chave

Síntese	Há o desejo de ser reconhecido em sua identidade e como ser humano
---------	--

Quadro 4 – Identidade - Percepção da negritude: o ideal. Como o negro não deveria se visto?

Sujeito	Resposta	Significado	Significante
1	Não deveria ser visto como um ser inferior;	Inferioridade Desprezível Marginal	Sem direitos Desrespeito em função da cor
2	Não deveria ser visto com desconfiança e como pessoa inferior;		
3	Com desprezo, como invisível;		
04	Como inferior, indigno, como invisível;		
05	Não deveria ser visto como responsável pelas coisas ruins, como ser inferior;		
06	Como ladrões, como sujos, como problema, como pessoas não gratas;		
07	Não deveria ser visto como alguém marginal, que não possui responsabilidade, que não tem honestidade e não é trabalhador;		
08	Não deveria ser visto e lembrado como os negros escravos e todo o período da escravidão;		
09	O negro não pode mais ser visto como alguém diferente, sem vez e voz, durante muito tempo foi deixado à margem e levará muito tempo para conquistar sua dignidade;		
10	Com citações pejorativas ou trabalhar a data em 13 de maio dando ênfase somente a abolição da escravatura, ao sofrimento;		

11	Como os que desistem facilmente, como imediatistas, como os que só prestam para servir aos outros, como os que nunca podem dizer não;		
12	O modo de que o negro não deveria ser visto é de ser pessoa mal-intencionada ou ser ladrão, porque às vezes algumas pessoas pensam que só porque ele é negro, ele é um ladrão;		
13	O negro não deveria ser visto com desigualdade pela sua cor, raça entre outros.		

Fonte: Sujeitos entrevistados em Lajeado e região (outubro de 2011).

#### Expressão Chave

Síntese	O negro não deveria ser visto com desrespeito em função de sua cor
---------	--

Quadro 5 – Bem viver - Percepção da mudança de leitura a partir da educação. De que maneira a Educação pode influenciar esta forma olhar?

Sujeito	Resposta	Significado	Significante
1	A educação deve estar voltada para as diferentes culturas. Especialmente a cultura negra por ser da maioria dos brasileiros;	Respeito às diferenças Carinho e respeito	Motivar o respeito as diferenças afetivamente
2	Não acredito que a educação mude a cabeça das pessoas. As professoras tentam, mas não conseguem. As pessoas que tem mais dinheiro olham com desconfiança, parece que tem um chip. Embora hoje as coisas começaram a mudar;	Cuidado Motivando	
3	Como trabalhadora aposentada da área da educação, acho que a educação poderia tratar com carinho e respeito os estudantes negros;		
04	Quando as pessoas têm mais estudos, elas sabem seus direitos e são vistas		



	melhor;		
05	A escola tem que cuidar, proteger e apoiar as crianças negras. Estimulando a autoestima e autoconfiança;		
06	Nessa comunidade, os negros vinham para trabalhos braçais, a educação estava focada no elemento alemão. Nos últimos anos chegamos a esta comunidade e abrimos as portas para a miscigenação. Na escola, as professoras estão trabalhando estas questões;		
07	Mostrando os valores de cada etnia e raça, sua cultura, assim conseguimos conceituar cada um no seu contexto e ao mesmo tempo, todos juntos. Mas precisamos de muita consciência no que acreditamos;		
08	A educação é a melhor maneira de fazer as pessoas conhecerem, respeitarem e darem a devida importância ao negro todos os dias do ano e não apenas nas datas específicas;		
09	Motivando e promovendo o conhecimento que possibilite derrubar preconceitos e paradigmas. Mudanças na formação acadêmica (interdisciplinar) e que o professor seja um mediador na construção do conhecimento contextualizado que possibilite o resgate de valores;		
10	Com certeza, a educação é a base de tudo, para o negro mudar sua postura ele precisa conhecer a sua história, para haver respeito é preciso que a educação inicie esta mudança, pois somente valorizamos aquilo que conhecemos e, se não mostramos aos nossos alunos a		

	valorização do povo negro, eles vão continuar menosprezando;		
11	Primeiro de uma forma a desenvolver a consciência e tornar clara a necessidade de se respeitar a cultura etno-pluri-cultural no quadro de educadores e de maneira que essa consciência chegue aos poderes como linhas e rumos da educação;		
12	De uma maneira boa porque às vezes você explicando para uma criança que o preconceito é errado talvez ela aprenda e não irá cometê-lo no futuro;		
13	Deixando sempre bem claro através de diálogos educativos que todas as pessoas são iguais independentemente da cor ou raça.		

Fonte: Sujeitos entrevistados em Lajeado e região (outubro de 2011).

#### Expressão Chave

Síntese	O bem viver construído na educação pela motivação afetiva ao respeito às diferenças.
---------	--

#### Quadro Sinóptico 5 – Análise de entrevistas – Imaginário.

Categorias Conceituais	Informações diretas - primárias		
	Professores	Crianças	Adultos e veteranos
Imaginário	Minoria Serviçal Clientela Assistencialista	Diferente Inferior Invisível	Não cidadãos

O Vale do Taquari construiu através dos tempos um imaginário pelo qual aponta a identidade e o desenvolvimento regional como fruto do protagonismo dos imigrantes, sejam eles alemães ou italianos. Esse imaginário encontra-se fartamente difundido pelas obras bibliográficas de autores oriundos dessas etnias e, certamente, influencia na percepção dos habitantes locais e pode ser observado nos olhares e percepções sobre os negros que são apontados como serviçais invisíveis,

e não cidadãos. Nesse imaginário, se consolida um cenário no qual os negros assumem uma função coadjuvante no processo das relações sociais e construção do desenvolvimento regional.

Quadro Sinóptico 6 – Análise de entrevistas – Reconhecimento.

<b>Categorias Conceituais</b>	<b>Informações diretas - primárias</b>		
	<b>Professores</b>	<b>Crianças</b>	<b>Adultos e veteranos</b>
Reconhecimento	Somente em datas especiais/legais; Fora destas situações não há.	Não há, Normal Mal intencionado	Não há, Inferior.

Ao contrário do que prega a Constituição Federal de 1988 que aponta igualdade de direitos para todos brasileiros, os negros no Vale do Taquari não são reconhecidos como pessoas portadoras de direitos, pois, segundo as professoras, são vistos apenas em datas especiais/legais, quando a mídia, as escolas, as instituições negras pautam esse debate. Para as crianças, o cenário de reconhecimento aponta o negro num olhar preconceituoso como sujeito mal intencionado, criminoso. Já os veteranos denunciam o não haver dignidade na negritude, pois os negros são reconhecidos.

Quadro Sinóptico 7 – Análise de entrevistas – Identidade.

<b>Categorias Conceituais</b>	<b>Informações diretas - primárias</b>		
	<b>Professores</b>	<b>Crianças</b>	<b>Adultos e veteranos</b>
Identidade	Citações negativas, invisíveis sociais, Obedientes.	Desigual Ladrão	Iguais aos outros

Sendo a identidade a condição essencial pela qual os sujeitos numa dada sociedade são convidados a fazer parte do coletivo, percebe-se que a identidade dos negros associada à invisibilidade, ou há visões pejorativas que os descredencia de qualquer processo de reconhecimento e inclusão social neste dado espaço. Desta questão trata Milton Santos (1996) quando afirma que o valor de um homem, depende do lugar onde está.

Quadro Sinóptico 8 – Análise de entrevistas - Bem viver.

<b>Categorias Conceituais</b>	<b>Informações diretas - primárias</b>		
	<b>Professores</b>	<b>Crianças</b>	<b>Adultos e veteranos</b>
Bem viver	Conhecer a sua história para valorizar o modo de ser. Respeitar a cultura diferenciada.	Educar para a diferença.	Educar para a diferença, desde que seja a maioria da sociedade.

Com relação ao bem viver, encontramos na educação um dos fatores que contribuem para que os negros não atinjam essa condição de vida. Como pressupostos apontados para obtenção do bem viver é citado o conhecer a própria história para valorizar seu modo de ser. Nossa educação, alicerçada no euro centrismo, não valoriza os feitos do povo africano em terras americanas como importantes na construção do bem viver coletivo. Por essas questões, em seus registros nos livros de história e cultura do Brasil, desconsideram e não dão visibilidade a esses feitos. As citações também apontam para a necessidade de educar para a diferença, respeitando todas as culturas, especialmente a negra que é conforme aponta os dados do IBGE, a maioria da população brasileira.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar minhas considerações finais gostaria de estabelecer algumas relações que foram possibilitadas pela pesquisa:

a) No Vale do Taquari as questões da negritude incidem e interpelam aquilo que é considerado pela cultura dominante como identidade da região, pois o negro desde seu início contribuiu com o seu trabalho;

b) O não **reconhecimento** dos negros é muito mais do que um impeditivo para a **inclusão social**, tal fato favorece a uma “menos valia” que se reproduz no modo como se ventila a imagem da negritude na região. Nesse sentido, a autonomia, o protagonismo, a dignidade das pessoas fica comprometida porque apenas se apresenta de forma abstrata;

c) A cultura do trabalho promovida pela região necessariamente não remete a idéia do “bem viver”, visto que há um segmento expressivo da sociedade – os negros e os brancos pobres – que não participam das benesses e do resultado econômico;

d) Os instrumentos da mídia escrita (revista “A Cara do Vale” e jornal “O Informativo do Vale” quando homenageiam o negro o fazem no seu aspecto folclórico ou marginal evidenciando a existência de duas faces em Lajeado. As reportagens destacam a face desejada pelo imaginário coletivo: a face e a cultura branca.

e) A proposta de educação (escolar) se apresenta como a instituição que tem a possibilidade de interferir na mudança deste imaginário, pois, como apontado no capítulo 4, p. 68, a construção e implantação de outro imaginário sobre a região depende fundamentalmente do modo como a questão étnica pode, ao ser transversal aos currículos, levar as crianças e adolescentes a uma reflexão;

f) Se faz necessária a contínua vigilância sobre as instituições que balizam a vida na comunidade para que os direitos humanos, no sentido de promoção da soberania e protagonismo dos(as) negros(as), que são a maioria do povo deste país, sejam garantidos e respeitados;

g) A percepção da situação de inferioridade social e de invisibilidade do negro na sociedade da região é pertinente e inexistente dada à fragilidade das políticas públicas;

h) A hipótese de trabalho suleadora desta pesquisa não só foi pertinente como se materializou nas informações o que nos permitiu constatar que efetivamente - **Está no reconhecimento do outro diferente de mim a alternativa de uma sociedade que pretenda o bem viver para todos; pois dignidade, protagonismo, autonomia e inclusão social não podem ser artifícios simbólicos de uma sociedade justa.**

**Caso isso não se materialize na(s) comunidade(s)** do Vale do Taquari não só o negro (que vive naquela região), mas o negro latino americano continuará invisibilizado e esquecido no seu papel de agente construtor da sociedade americana, pois não há um só palmo deste continente que não seja ou tenha influência do trabalho negro.

i) A pesquisa também validou uma categoria de análise importante: o reconhecimento – não apenas na perspectiva antropológica -, mas na sua natureza política, pois evidenciou que o resgate do indivíduo negro é uma questão de educação e de política pública em um país que se pretende republicano;

ii) Os resultados desta dissertação também sinalizam que a busca da solução à problemática proposta pelo não reconhecimento da negritude não é projeto de poucos, mas de todos, pois mesmo que cada grupo tenha suas representações, na prática elas só têm sentido quando carregam em si a aceitação do individual pelo coletivo.

Para finalizar, os avanços e transformações da percepção da negritude nos períodos pós anos 88 ainda se mostram tímidos e com baixo poder de inserção do negro na sociedade brasileira e suas concessões às pautas da sociedade civil organizada não provocam rupturas consideráveis no 'status quo' até então vigente.

Esta busca encontra lugar na luta do e no (re)conhecimento de direitos, uma das possibilidades de solução do não (re)conhecimento daqueles que fazem parte de um grupo social, mesmo sendo diferentes.

No reconhecimento do outro diferente de mim é que pode ocorrer a possibilidade da autonomia e da cidadania. E, essas possibilidades se efetivam quando nos espaços sociais acontecem situações de empoderamento e de elevação da autoestima e autoconfiança dos indivíduos.

No Vale do Taquari ou em qualquer outro espaço, os negros e os não negros precisam compreender que está no respeito e no reconhecimento de si e do outro a possibilidade de uma vida mais harmônica e feliz. Para tanto, entendo que as

primeiras ações para chegarmos a esses objetivos devem ser implantadas no campo da educação mediatizadas pelos conflitos e pela dialogicidade universal.

Nesse sentido, a Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tem se constituído espaço e contribui para essas reflexões. Por outro lado, as limitações e constrangimentos normativo/administrativo de um programa de pós-graduação nem sempre consideram que a realidade é muito mais dinâmica e nem sempre se regula por prazos. Entendo que no campo da construção de uma nova educação de uma nova sociedade, cada vez mais, surge a necessidade de uma Universidade Popular e de outra Pedagogia, mais social, para validar a busca do reconhecimento e respeito às diferenças, de cada um(a), cada grupo de pessoas tão diverso na nossa contemporaneidade cada vez mais homogênea nas suas categorias de análise.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Gilson Luiz dos. **O negro na historiografia regional: da omissão à negação**. 2005. 53 f. Monografia (Graduação) – Curso de História, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 01 jun. 2011.

CARNAÇA, Priscila; ALMEIDA, Gisele. Quilombolas. **Blog Educação Quilombola e a Diversidade**. 2010. Disponível em: <<http://educacaoquilombolaeadiversidade.blogspot.com/>>. Acesso em: 30 dez. 2011.

CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COTRIM, Gilberto. **História Global – Brasil e Geral**. V. único. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

FERNANDES, Florestan. **Circuito Fechado: ensaios sobre o “poder institucional”**. São Paulo: Hucitec, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GRISA, Gregório Durlo. **As ações afirmativas na UFRGS: uma análise do processo de implantação**. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

HUPPES, Ivete (org.). **Vale do Taquari: sinais de uma identidade**. Lajeado: UNIVATES, 2002.

LIPPOLD, Walter Günther Rodrigues. **A África no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: possibilidades de efetivação da Lei 11.645/2008 e da Lei 10.639/2003. Um estudo de caso**. 2008. 185 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LOPES, Dilmar Luiz. **Mobilidade social e identidade racial: o negro na perspectiva do ensino superior**. 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Maria, 1999.



LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2000.

MARTINS, Antônio. O que mudou e o que falta mudar. **Mercado Ético**, 2010.  
Disponível em: <<http://mercadoetico.terra.com.br/arquivo/o-que-mudou-e-o-que-falta-mudar/>>. Acesso em 30 dez. 2011

MÉSZÁROS, Istvan. **A Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo Editora, 2005.

QUESTÃO de cor ou raça. Observatório da Diversidade Cultural. Disponível em: <<http://observatoriodadiversidade.org.br/site/questao-de-cor-ou-raca/>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

OLIVEIRA, Ronaldo Jorge Rodrigues de. **Possibilidades de Uma Poética Afro-Ritualística em Educação**. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, Vera Rosane Rodrigues de. **Políticas Públicas e Ações Afirmativas na Formação de Professores**: cotas – uma questão de classe e raça – processo de implementação da Lei 73/1999 na UFRGS. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <[http://sabi.ufrgs.br/F/3PBYDTNM6YA5SHDTS99H8K1CLD7CQJPJGMNUAIRNSBXL4QTYRS-33872?func=full-set-set&set\\_number=004339&set\\_entry=000002&format=999](http://sabi.ufrgs.br/F/3PBYDTNM6YA5SHDTS99H8K1CLD7CQJPJGMNUAIRNSBXL4QTYRS-33872?func=full-set-set&set_number=004339&set_entry=000002&format=999)>. Acesso em: 24 set. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANGER, Dircenara dos Santos. **Abolição das desigualdades**: Ações Afirmativas no Ensino Superior. 2009. 263 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Milton de Almeida. Por uma Geografia Cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia** - Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, Agosto 1996.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado I**: Povoamento-Colonização-História política. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1992.

SILVA, Paulo Sérgio da. **Políticas Públicas e Mediação na Comunidade Remanescente de Quilombos de Casca**. 2007. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SOARES, Josemar Sidinei. **Consciência-de-si e reconhecimento na Fenomenologia do Espírito e suas implicações na Filosofia do Direito**. 2009. 312 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Porto Alegre: UFRGS, 2009.

SOUZA, Eliane Almeida. **A Lei 10.639/03 na formação de professores e o pertencimento étnico-racial em escolas públicas de Porto Alegre**. 2009. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Porto Alegre: UFRGS, 2009.

STAHLSCMIDT, Erny. **Vagando pelo século: Crônicas**. Org: SCHIEROLT, José A. Lajeado: Erny Stahlschmidt, 1994.

STREK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Educação: a revolução necessária**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **La vida em común**. 1. ed. Buenos Aires: Aguilar, Altea Taurus, Alfaguara, 2008.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2011: Os jovens no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari: Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011. Disponível em: <<http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2011/MapaViolencia2011.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2011. a

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência 2012**. Os novos padrões da violência homicida no Brasil. 1. ed. São Paulo: Instituto Sangari, 2011. Disponível em: <[http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2012/mapa2012\\_web.pdf](http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2012/mapa2012_web.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2011. b

ANEXO A – A outra face de Lajeado (matéria Revista “Conheça o Vale”).

# A outra Face de Lajeado



O sorriso da velhinha JOSEFINA. 78 anos de dor e sofrimentos, 15 dos quais vividos, ora num, ora noutra barraco.

Não soltou uma palavra de queixa e ao sorrir, seus olhos riram de satisfação, porque pensava que nós poderíamos dar-lhe uma casa um pouco melhor.

Coitada da JOSEFINA, retrato do sofrimento conformado da nossa gente.



Quê importa se era de chuva, ou se era de sol aquêlê dia? Para satisfazer a curiosidade de alguns, digo-vos que o dia era bastante adjetivado: era de sol e era de chuva. Amanhecera um dia sufocante. Já nas horas matutinas o calor era insuportável.

Depois do meio-dia o horizonte tornou-se esfumaçado, e, estava cada vez mais quente.

A inquietação que pairava no ar prenunciava chuva. Eu também estava inquieta...

Sai do apartamento (ou apartamento, como queiram), desci as escadas e entrei no carro, estacionado mais adiante. Rodei um pouco e notei que inconscientemente me dirigia para fora da cidade. Eu pouco distinguia, além da estreita visão da estrada. Uma curva, mais uma e outra... eu estava na Chácara da Prefeitura.

Antes de entrar, tentei formar uma imagem dêste lugar. Que é que eu sabia sobre êle? Deime conta de que não sabia nada!

Mesmo assim continuei meus devaneios: "deve ser um pedaço de terra pública, onde a Prefeitura construiu um sem-número de casas, umas iguais às outras — talvez seja uma comunidade à parte. — Com certeza há privações aí!"

Minha gente! não há palavra que expresse o baque que eu senti.

Aqui fora — na cidade — eu já condenava algumas coisas, criticava a falta de sentimentos, mas lá — aquêlê pequeno mundo (ou inferno) isolado que eu visitei — não há falta de uma ou outra coisa, ali há completa inexistência de princípios humanos.

Como eu, deve haver muita gente que ainda não se deu ao trabalho de conhecer aquilo. Ou será que eu era tão ingênuo, a ponto de não imaginar sequer esta faceta da sociedade? A inacreditável equivalência entre homem e animal!

É simplesmente inconcebível como êstes homens-bichos não se revoltam! Ou será que já perderam completamente a consciência de que também são seres humanos, que riem, sofrem e choram como nós?

Não vi ninguém rir, não vi ninguém chorar. A maior indiferença dêste mundo eu vi estampada no rosto dêsses pobres coitados. Só olhares de esgueirha, mostrando a desconfiança pela presença de um estranho. Além dessa ponta de desconfiança, não se lhes denotava outra mudança; pareciam estátuas

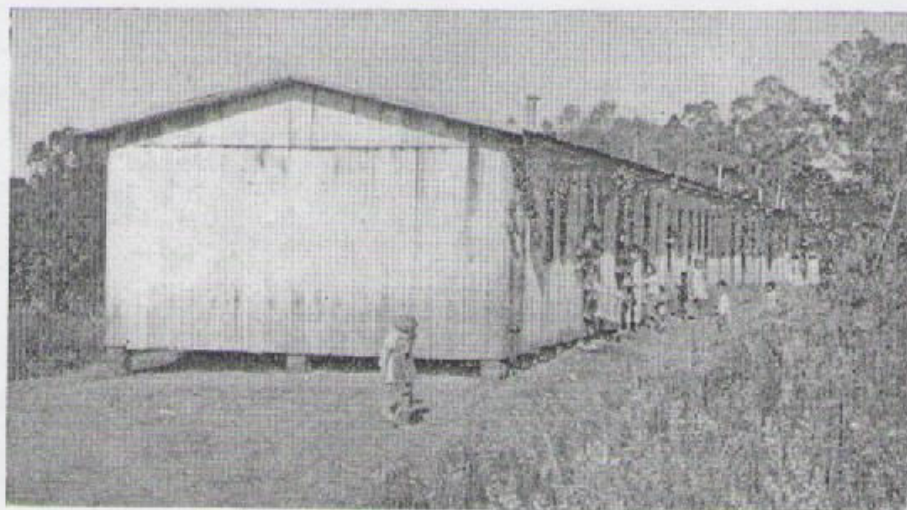


A velha JOSEFINA agora olha distante. Desapareceu seu sorriso. A sua frente um pedaço da família. A mãe que espera nem fugiu da objetiva e custou muito em concordar com a foto. E enquanto a família aumenta a casa diminui e a esperança cresce para desaparecer só com o fim.



Esperam uma casa maior como esta que a Prefeitura construiu. Mas os vizinhos, os que moram nas casas construídas pela sociedade protestaram alegando que ela bebe até o rancho que o marido traz de seu trabalho. Vende tudo o que é de comer deixando os filhos com fome para buscar na cachaca esquecer.

Enquanto isso no casarão grande feito pela Prefeitura, no dizia uma senhora: "Corre laço quase todo o dia. Os da ponta de lá e os da ponta de cá não tem noite que não brigam. De lado de cá o marido é quem dá, mas do lado de lá a "mulher" enfrenta e ele não perde a cisma". Acrescenta outra. "O pior é que essa gritona (uma senhora chamava pelo filho) quase mata o filhinho piquinho, como é... aqui, viu moço, a páu. Ora, onde já se viu e não tem "otoridade" para acabar com uma "judiação" dessas".







Ela veio de Arroio Alegre. O marido, que trabalha de biscate, fêz o rancho de palha onde abriga o filho que ela tem no colo. Ela tem 17 anos. Vai ter a terceira criança. A primeira nasceu quando tinha 13 anos. Uma já morreu. Vem o terceiro e Se Deus Quizer um pouco mais de sorte para quem, no comêço da vida já viveu tanto.



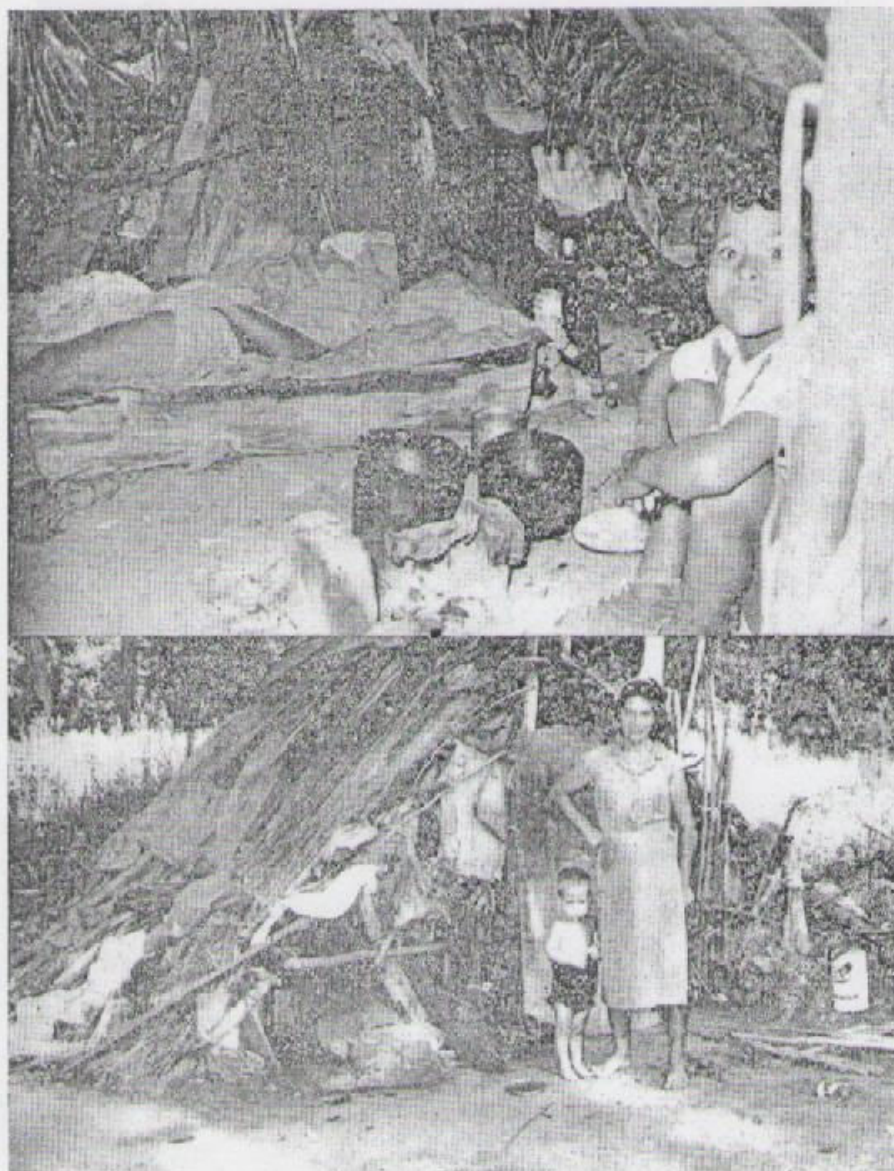
Maria, a môça da esquerda, bateu no braço do Werner, nosso fotógrafo e perguntou: "Eu também posso sair num retrato aí?"

Claro que podia. Ela escapara por pouco de uma reportagem que estamos fazendo sobre a prostituição na ponte Estrêla-Lajeado.

Agora aqui estava ela, ao lado da Rosa Maria, na Chácara da Prefeitura, sua nova residência.

Os vizinhos dizem que estão comportadas, pelo menos lá.





Ainda existem casas assim. Uma vista interna e outra externa. 10 horas da manhã, êle dorme no quarto e a criança na cozinha está junto ao fogo. No lado de fora ela e o caçula. É gente vivendo assim e aqui no Terceiro Vale Mais Fértil do Mundo. Atentem para o interior. Quarto, sala e cozinha, visto de uma só vez. A cama é um pedaço de madeira no chão guarnecendo o que parece ser roupas de cama.



que tudo olham e nada vêem.

As primeiras três ou quatro casas estavam em condições de serem habitadas por gente paupérrima: não estavam caindo como as outras, e... que ironia! estavam enumeradas: n.º 1, n.º 2, n.º 3...

Lago acima, sobre uma elevação, estava a mais recente construção feita pela Prefeitura: uma casa comprida e estreita, que mais parecia um galinheiro de granja. Do lado de baixo, numa choça do tamanho de um forno de fazer pão, vive com sua mulher, aquêle cegunho que todos nós conhecemos.

E diziam dois meninos do Patronato, que entraram ali comigo:

— Agora, isto aqui é um céu aberto! Antes de a Prefeitura dar um jeito, as casas eram tôdas assim!... e apontavam para um monte de galhos secos, melo queimados, que por alguma força oculta se mantinham de pé. Espiei para dentro. Estava vazia... ou quase. Num canto do chão batido havia uns trapos sobre um pedaço de madeira: era a cama da família! No melo havia um monte de cinzas: o símbolo de tôda aquela cozinha. E do lado, amontoadas, algumas latinhas prêtas. As panelas talvez...

Começou a choviscar e instintivamente vi-me de baixo "daquilo" em tempo de chuva, em tempo de frio.

Impossível imaginar! Nem por um instante eu suportaria aquêle cheiro fétido, aquela promiscuidade.

Adiante havia uma casa de capim, mais outra de barro, uma mulher catando piolho na cabeça da filha, um velho encarquilhado sentado no terreiro, crianças que deduzi fôssem brancas, de tão sujas que estavam: prova incontestável de que o homem foi felto do barro!

Quanta doença, quanto vício não há nesta sociedade marginalizada!

Mulheres grávidas, com cagarro na boca, fraqueza no corpo e a filharada ao redor.

Que visão do futuro há para êsses desgraçados? Nenhuma além da fome, da miséria e da morte.

Esse dia-a-dia sem revolta é digno de admiração. Se por parte dêles não há reação (não pode haver, pois são ignorantes demais), é porque está na hora de nós nos revoltarmos e tentar humanizar êste pedaço de Lajeado. E, se esta reação não vier da nossa parte, é porque também nós não somos humanos.

Havia uma organização encarregada de introduzir melhoramentos ali, o que foi feito em grande escala. Hoje, esta organização está reduzida a duas mulheres. A Sra. Geny Arruda e a Irmã Reinalda, sózinhas, continuam trabalhando por essa gente. No princípio, ajudadas por várias senhoras de nossa sociedade, elas orientaram o trabalho de construção das casas e a distribuição de roupas e, inclusive, utensílios domésticos. A distribuição de leite em pó foi suspensa pela sede central de Santa Cruz e, atualmente, essas duas senhoras tentam obter licença para reiniciar esta distribuição de leite. Durante o período de aulas, funciona uma escolinha para as crianças, que também recebem sua merenda. No Natal cada criança recebeu uma peça de roupa, não pense, porém, que isto diminui a miséria. Precisamos de mais pessoas dispostas a auxiliar a Sra. Geny Arruda e a Irmã Reinalda nesta obra de caridade.

Talvez mais do que auxílio material, devemos dar o amparo moral. Sem conviver com êstes problemas, ninguém pode imaginar a difusão que tem ali tôda a sorte de vícios: bebida, álcool, prostituição, eufim, completa falta de moralidade.

O problema está lançado! Cada um se analize e veja o que é que pode fazer por um de seus irmãos, pois enquanto a Chácara da Prefeitura for o que é, Lajeado não será digna da admiração que lhe dedicamos!

COMERCIANTES

e

LOJISTAS

Fabricamos calças e bermudas

CAVALHEIROS

temos loja de artigos para homens

Somos

especializados

**T O M A K**

Indústria e Comércio de Confecções Ltda.

Rua João de Castilhos, 1132

Caixa Postal, 12

Endereço Telegráfico: "K I N G"

LAJEADO — RS



O fim da visita. Foto Werner registra mais dois fatos da já famosa Chácara da Prefeitura. Acima a "hidráulica" que serve para tudo. Busca-se água para beber e lava-se a roupa. Em baixo um dos WC que nos foi dado ver.

É assim a nossa Chácara um momento de boa vontade em algumas casas construídas com o sacrifício enorme de pouca gente e um momento de revolta ante a miséria de irmãos nossos que vivem bem na divisa entre o homem e o animal.





## ANEXO B – Influência da raça/cor na vida dos brasileiros.

CORREIO DO POVO

SÁBADO | 23 de julho de 2011 ■ 19

Geral

FABIANO DO AMARAL

VINÍCIUS RORATTO / CP MEMÓRIA



No Rio Grande do Sul, quase 60% da população admitiu a influência dos dois fatores em seu cotidiano

## Raça e cor influem na vida do brasileiro

Trabalho seria o setor mais afetado, segundo apontou a pesquisa do IBGE

**P**esquisa divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que 57,9% dos gaúchos consideram que a raça ou a cor da pele influenciam na vida cotidiana. O trabalho intitulado Características Étnico-raciais da População – Um Estudo das Categorias de Classificação de Cor ou Raça, entrevistou 15 mil moradores do Rio Grande do Sul, Amazonas, Paraíba, São Paulo, Mato Grosso e Distrito Federal. O índice do RS é menor que a média dos seis estados pesquisados (63,7%).

Os gaúchos acreditam que a influência ocorre principalmente sobre o trabalho (65,6%), o convívio social (62,9%) e a relação com a Justiça e a Polícia (60,7%). Escola (51%) está em quarto lugar, seguido por repartições públicas (47,7%), atendimento à saúde (39,3%) e casamento (35,6%). O trabalho também está em primeiro lugar na média dos seis estados pesquisados.

A população do DF registrou a maior proporção entre os que acreditam na influência da raça ou cor (77%) e o Amazonas (54,8%) teve a menor. Os que declararam estar cientes da sua própria cor e raça chegam a 96% no país, índice próximo ao registrado no Rio Grande do Sul (96,6%). Entre os gaúchos, 63,5% dos entrevistados classificaram-se como de cor branca – maior percentual do país.

Outros 12,4% disseram ser da cor morena, seguido por negra (5%), parda (3,8%), preta (1,6%), indígena (1,1%), amarela (0,4%) e outras (12,3%). A classificação feita pelo entrevistador, no entanto, revela índices diferentes: 76% dos gaúchos foram considerados brancos, 10% pardos, 5,6% morenos, 4,7% negros e 1,5% pretos. Com relação à ancestralidade, a maioria dos gaúchos disse ser de origem europeia (64,5%). Em segundo lugar está a origem indígena (17,4%), seguida pela africana (9,8%). A origem europeia também predomina na média dos seis estados, com 43,5%.

Os entrevistados representam a população com idade superior a 15 anos. Segundo a gerente da área de identificadores sociais do IBGE, Ana Saboia, os números ainda não permitem que sejam tiradas conclusões sobre o tema. “Fizemos um estudo só em seis unidades da federação. A ideia é fazer no Brasil inteiro”, informou. “Nosso objetivo é aprimorar o sistema de classificação de cor.”

Para o pesquisador José Luís Petruccelli, a autoclassificação dos brasileiros nas categorias tradicionais usadas pelo IBGE encerra um mito. “Existia um folclore de que teríamos mais de 100 categorias diferentes para se autoclassificar, uma salada de cores. A pesquisa mostra que não, que as pessoas escolhem uma das sete categorias”, disse.

Fonte: Jornal “Correio do Povo”, 23 de julho de 2011, p. 19.



## ANEXO C – A Contradição: brancos assumindo a negritude.

2

Sábado, 19 de novembro de 2005

Especial

## Semana Africanista e Umbandista

## Terreiros ganham cada vez mais adeptos “brancos”

Umbandistas locais têm como clientes empresários e altos profissionais que preferem ficar no anonimato. Mãe Carmem, entretanto, fala de semana especial

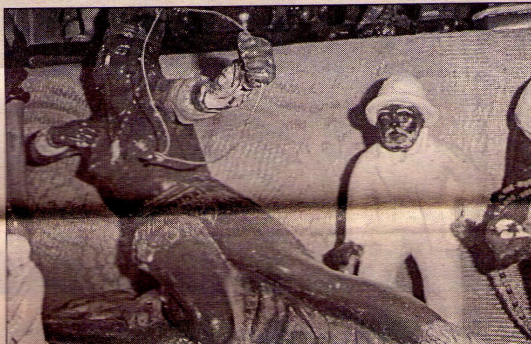
**L**ajeado - Os terreiros são muitos e assim como os clientes, pais, mães-de-santo e babalaorixás optam por não dar entrevista. A reportagem com Mãe Carmem foi uma exceção em função da Semana Africanista e Umbandista, que encerra-se amanhã.

Os escravos que vieram da África trabalhavam de sol a sol acossados por seus donos, os proprietários de terras. Percebiam na religião sua única redenção. A devoção a santos e imagens fez com que surgisse a umbanda, uma das mais importantes expressões religiosas afrobrasileiras. Segundo estimativas, existem 65 mil terreiros umbandistas no Estado, que reúnem 1,8 milhão de adeptos.

Como grande expressão religiosa, a umbanda ganhou uma semana só para ela. A Semana Africanista e Umbandista do Rio Grande do Sul encerra-se amanhã e ajuda a disseminar trabalhos nas mais diversas categorias do Brasil e Mercosul.

Em Lajeado, são muitos os terreiros e frequentadores da religião, que no entanto, preferem ficar anônimos, apesar de ser culto popular aceito em todas as camadas sociais e de fácil acesso. Ao contrário do que se imagina, a religião transcendeu a raça negra e passou a ser adotada pelos brancos.

É difícil um médium da religião falar. Preferem ficar longe da imprensa, repórteres ou radialistas. Pela importância da data, a babalaorixá Carmelina Santos Soares (73), mais conhecida como



Estátua de umbanda



Artefatos usados nas atividades



Umbanda se tornou grande expressão religiosa no Brasil. A foto da mãe-de-santo é ilustrativa

Mãe Carmem, decidiu relatar aspectos da umbanda.

Mãe Carmem entrou na religião há 53 anos por problemas de saúde. “Eu era parálitica, hoje estou assim, andando.” Devido aos anos que dedica-se ao culto, conserva o status de babalaorixá, que significa “cabeça maior”.

É uma espécie de mestre na doutrina.

A umbanda é um movimento religioso centrado quase exclusivamente sobre o ritual. Carmem não se deixa fotografar em roupas normais, só quando está incorporada. As sessões de incorporação ocorrem às sextas-feiras. Re-

cebe 21 falanges - entidades. A mais frequente delas é o Ogum Beira-Mar. “Esse é o dono do meu terreiro, sem ele não sou nada. É meu protetor.”

Mas em seu terreiro também baixam caboclos, pretos-velhos e a pomba-gira. “Esta só uma vez por mês.” Sua casa é aberta e frequentada por gente do povo e sociedade: médicos, políticos, empresários, advogados, pessoas com dificuldade no relacionamento ou nos negócios não dispensam uma consulta de tarô ou búzios com Mãe Carmem.

## Os “filhos” de Carmem

Mãe Carmem tem hoje 32 “filhos-de-santo”. São pessoas que não limitam-se apenas a frequentar as sessões, mas adquirir os ensinamentos umbandistas. Desde seu surgimento no Brasil, a umbanda passou por um processo acentuado de embranquecimento. Carmem comprova isso. Ela diz que a maioria de seus “filhos” são brancos e ri sobre o fato. “É sinal que eles acham bom. Realmente os brancos estão invadindo a umbanda.” Aos filhos que vão à casa, Carmem se diz rigorosa. Gosta de disciplina e de que os princípios sejam sempre cumpridos. Não estimula e nem coage ninguém a aderir à umbanda. “A pessoa tem que entrar porque quer, porque sente isso no coração”.

Na Semana Africanista e Umbandista, Mãe Carmem arrisca revelar seu sonho. Ela gostaria e engajou-se muito para a construção de um templo onde todos os pais, mães e filhos da religião pudessem integrar-se. Seria um centro em que todos pudessem cultivar a religião e divertir-se em festas típicas. Sabe que, por ora, é um projeto irrealizável.

Andréia Rabaioili  
andrea.jornal@joinet.com.br



## ANEXO D – Reflexo da educação na vida do pobre (negros).

## Evasão escolar na rede municipal é a maior dos últimos oito anos

Alunos desistem da escola tradicional para ingressar no mercado de trabalho e completar o ciclo de estudos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ano passado, as maiores evasões nas escolas municipais da cidade ocorreram em instituições frequentadas por estudantes carentes, que necessitam trabalhar e optam por estudar à noite.

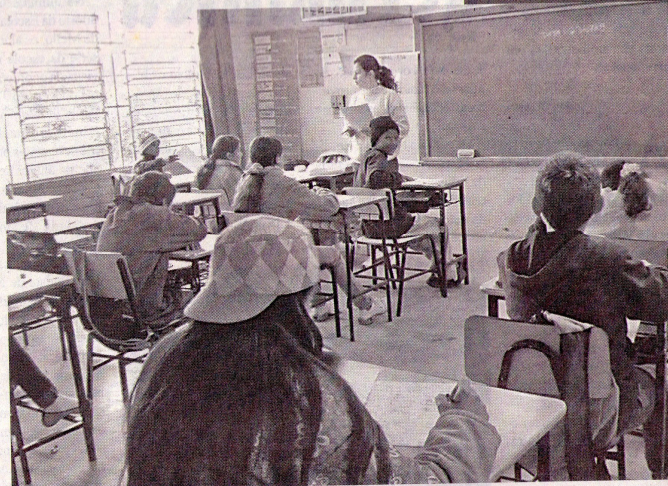
### LAJEADO

Os alunos do Ensino Fundamental das escolas municipais que estavam enfrentando a evasão escolar com bastante empenho, de repente saltaram de uma taxa de 0,90% em 2007 para 1,41% em 2008, um percentual que representa 58 estudantes que abandonaram as salas em um universo de 4,721 mil. Parece pouco em algarismos, mas em percentuais o índice de aumento surpreendeu a equipe da Secretaria Municipal de Educação, que desde 2000 estava acostumada a ver a taxa diminuir em função dos programas nos quais a equipe está engajada e que motiva a colocar os pais dentro das escolas.

A coordenadora do Ensino Fundamental, Carmen Christ, aponta hipóteses que contribuíram para a elevação do índice. A situação familiar e a questão da vulnerabilidade social estão bem presentes dentro da composição. "O contexto socioeconômico é muito forte". Segundo Carmen, os alunos que mais evadem são de famílias carentes. Em 2008, na Escola Francisco Oscar Karnal (FOK), no Bairro Santo Antônio, 12 desistiram das aulas. E na Escola Dom Pedro I, no Jardim do Cedro, foram dez.

A secretária Rejane Ewald salienta com mais ênfase a necessidade de

muitos trabalharem quando se aproximam das séries finais. O pico da evasão se dá principalmente na 7ª série. Para ela, um dos fatores determinantes do abandono são as condições sociais, quando os alunos optam por trabalhar em vez de estudar. "Mas há um comprometimento do poder público em ir buscá-lo de volta, a fim de assegurar-lhe o direito de estudar". Conforme Rejane, quando a secretaria toma conhecimento da evasão ou mesmo da infrequência, o Conselho Tutelar é acionado e também o Ministério Público. "Fazemos reuniões sistemáticas com direções de escolas e pais de alunos infrequentes". Até mesmo os agentes comunitários auxiliam, em visitas às casas, a orientar a importância de continuar os estudos.



A FOK foi uma das escolas que mais teve evasão. Os picos se dão na 5ª e 7ª série

### O EJA como opção para prosseguir os estudos

A diretora da FOK, Márcia Hamester, tem na ponta da língua a explicação para a evasão. A maioria desistiu de estudar de manhã para ingressar de noite na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Assim, durante o dia pode estar no mercado de trabalho porque a situação sócioeconômica do bairro preconiza a necessidade de sustento. "Eles abrem mão do estudo normal para trabalhar". A escola hoje tem mais de 500 alunos e à noite, mais de 90 pessoas com idade mínima de 15 anos cursam EJA.



Na Escola Dom Pedro I, dez alunos desistiram das aulas no ano passado. Um deles foi Eduardo Menegotto, 16. Ele estava na 7ª série e preferiu prosseguir os estudos na EJA no Bairro Campestre. Assim, pode durante o dia, trabalhar como ponta de caixa em um dos supermercados da cidade. Ele está contente com



Márcia Cardoso: 224 alunos estudam na EJA em Lajeado

### A ânsia por um trabalho

Hoje, 224 alunos de 15 a 83 anos estudam em uma das três escolas direcionadas para Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Lajeado. As instituições que funcionam com esse sistema de ensino são a Campestre, Nova Viena e Francisco Oscar Karnal. Segundo a coordenadora Márcia Cardoso, a EJA tem se caracterizado mais pela alfabetização de jovens do que de adultos. Explica-se: muitos esperam completar os 15 anos para desistirem da escola tradicional e inscreverem-se na EJA e assim completar o Ensino Fundamental mais rapidamente. É

Fonte: Jornal "A Hora dos Vales", sexta e fim de semana, 24, 24 e 26 de julho de 2009, p. 12.

ANEXO E – Editorial jornal “O Informativo do Vale”, 08 de maio de 1970.

## EDITORIAL

E este o nosso primeiro contato com os senhores. Estudamos, como já o fizemos anteriormente, os prós e os contras, ouvimos a opinião dos homens que realmente desejam o progresso, sentimos com eles a necessidade de ser completado o trabalho que a REVISTA CONHEÇA O Vale do Taquari, já vem realizando e compreendendo os benefícios que advirão nos propusemos a lançar este jornal usando da mesma modéstia de sempre.

Eis-nos aqui. Somos sabedores de que a luta será árdua, mas, imbuídos do desejo de bem servir estamos certos de que O INFORMATIVO será vitorioso.

Esta certeza tem seus alicerces na amizade que cultuamos acima de todas as coisas materiais.

Nossos amigos tem nos apoiado sempre. Foi o voto de confiança dos mesmos que, nos bons e nos maus momentos, garantiram o sucesso da REVISTA e eles estão conosco para mais esta caminhada.

As portas deste jornal estão abertas para todos.

Será, como tudo aquilo, que leva nossa assinatura, a certeza de que, aqui dentro, não existem diferenças de qualquer natureza, porque compreendemos, um jornal, como um meio para que todos tenham como externar suas opiniões.

Aos nossos companheiros de jornada em outros órgãos de divulgação, o nosso abraço afetuoso com o convite para fazer de nossa casa o prolongamento da casa de cada um pois juntos, representamos a opinião de uma grande parte do Rio Grande do Sul.

Dito isso, só nos resta dar tudo de nós no cumprimento de nosso dever. A responsabilidade que assumimos foi bem medida e bem pesada e neste peso reputamos como da maior importância o voto de confiança que cada um de nós dá ao fazer a sua assinatura, ao fazer o seu anúncio, ao enviar a sua matéria, ao de qualquer forma, dar a sua colaboração ou a sua palavra de estímulo.

Obrigado amigos.

Fonte: Jornal “O Informativo do Vale”, Editorial, Ano 1, Nº 1, 08 de maio de 1970.



## ANEXO F – Existe um Bairro chamado Conservas.

O INFORMATIVO

## Existe um Bairro chamado Conservas

LUIS

Alguém na Guanabara falou faz horas de "importância turística das favelas".

Quem sabe, daria para instalar bondinho aéreo e passear turistas entre a miséria e a sujeira dos barracos. O político aquele, podem supor, não foi ouvido, mas a idéia ficou como mais uma tentativa pitoresca de vender beleza aos que têm dinheiro e tempo para passear nas férias armados de câmaras fotográficas.

Incompreensivelmente é este um dos pontos esquecidos pelo departamento turístico de nossa cidade. Porque lá, na beira do Taquari, no meio de uma bucólica paisagem temos um bairro turisticamente explorável: o Conservas. Se miséria e maloca fosse dinheiro, este bairro seria zona residencial.

Dona Josefina, uma crioula carregada de anos de trabalho dizia uns dias atrás: "É isso aí, seu: pobre não tem vez". E a gente, por dentro dos complexos líos econômico-político-sociais que tecem a vida e a história, escutava a velha pensando que no fundo tinha razão: pobre não tem vez, ou pelo menos, não tem vez parecida aos que tem "vezes" demais.

A Conservas é um bairro de duzentas famílias, mais ou menos. Entre elas, a que sobrevivem por força do instinto de conservação

são maioria. Instinto, digo, de sair detrás do biscate, da esmola, do emprego ocasional quando a fome aperta o estômago. Aos menos trabalham como todo o mundo e progridem também. Mas, infelizmente, são as primeiras que levam o gato prá água, as que dão ao bairro o ambiente e a fama. Ambiente de pessoal relaxado e cacheceiro, bochista e vagabundo. Fama de perigo, briga, pancada e malandragem. Vocês podem compreender que essa fama é algo injusto. Nem todo o mundo é assim mesmo, nem tudo na Conservas está tão feio assim. Mas, fama é fama. E já há quem diga: "De Conservas? Não preste".

Vejam vocês o Pedrinho. Garanto que é homem bom, que sente no fundo, carinho pelos filhos e que ainda fica nele algo de amor pela Valdomira, noiva de outros tempos, companheira agora de decepção e gozeiras. O Pedro veio do interior à procura de emprego. Trouxe mulher, filhos e a esperança de que na cidade tudo iria ser melhor do que no meio do mato. Mas agora, a força de não ter emprego que preste, o Pedrinho acostumou-se a viver do nada, dos pilas que surgem mesmo sem mexer um dedo, do pilaque barato, lá na venda todas as tardes de inverno. E os guris nascem na miséria. - miséria não é só problema de estômago vazio, embora por aí comece -, cres-

cem na sujeira e vai precisar trabalhar muito São Jorge para que o abandono não vira marginalização. Com as meninas o problema começa parecido e termina diferente. Os senhores sabem. Diferente, porém menos triste.

Resumindo: Existe um bairro chamado Conservas. Gente boa. Muitos sem chance para viver como gente. Alguns perderam esta chance, outros não a tiveram nunca. Pitoresquismo e miséria. Vejam: daria para um cartaz turístico, se não fosse tão feio assim fazer rótulo do mal dos demais.

Mais um ponto: há pessoas no bairro que começam a se reunir para ver de que os tempos seriam melhores. É um grupo de gente legal formado por professores do grupo escolar, mães de família, homens preocupados. Até mesmo a Divisão de Saúde e Ação Social Municipal apoia qualquer iniciativa. Mas, os esforços não foram suficientes. O problema é que não resulta fácil dar o empurrão inicial: falta tudo. Quem sabe, talvez na Prefeitura possa alguém se lembrar que também este bairro tem direito a um lugar ao sol do progresso. Quer dizer, da vida humana elementar. Porque até agora, gente, mesmo até agora nem sequer o departamento turístico. E promessas não faltam, não.

Fonte: Jornal "O Informativo do Vale", 17 de agosto de 1974, p. 4.

## ANEXO G – Morro 25 – Publicidade que a gente não quer.

## MORRO 25

### publicidade que a gente não quer

Pe. Luis Manuel.

Saiu nos jornais irradiados e escritos da cidade. Até nos da capital. Notícia: houve um banque-bangue no Morro 25. De repente, todo mundo fala de um bairro existente lá nos fundos da cidade, onde Lajeado se encontra com Cruzeiro do Sul - sabe da Angelina? No fim do mundo, cheio de gente imprestável e selvagem - olha lá, nem festa de Igreja, respeitam-. O Morro 25 tornou-se conhecido com a pior das famas.

É triste, gente. Nós, pessoal da cidade bonita e iluminada, de ruas calçadas e limpas, podemos com a maior tranquilidade do mundo afundar na lama do desprestígio e da desmoralização a uma pequena comunidade que aos poucos ia se levantando.

Pois é. O Morro 25 não tinha nada além do Curtume Koeffender, a escolinha do Passo de Estrela e duas ou três vendas. Faz uns poucos anos a comunidade católica começou a formar-se. O pessoal foi unindo-se para um objetivo comum: construir uma capela. O terreno foi comprado e pago. Como o dinheiro era curto, resolveu-se construir um galpão provisório que poderia fazer por enquanto de capela, servir como centro comunitário... etc. Foi construído. Era material velho e usado. O suor de horas livres e tenacidade dos homens da diretoria, quase todos operários do Curtume, fizeram o milagre. Foi milagre unir o que antes estava desunido: ninguém sabe do sacrifício, das horas de trabalho, das folgas não desfrutadas que aquilo custou. A comunidade ia se fazendo. Era gente entusiasmada, povo disposto. Uma beleza. Um dia se pensou em fazer uma galinhada. Aí foi trabalhadeira danada: tudo tinha que ser feito entre o sábado e o domingo. E se fez. Tudo ia bem, por que não? Mas os senhores sabem o que aconteceu. Aquilo que podia ter sido uma simples briga de bairro terminou numa batalha campal. O bairro até então desconhecido, os esforços silenciosos, o entusiasmo sem gritos nem publicidade de anos a fio, foi enterrado por uma hora de briga entre pessoas que menos tinham a ver com a comunidade.

Culpa de quem? Não sei gente, nem toca a mim julgar. Sei uma coisa: não temos o direito de jogar acima de um bairro, uma fama injusta. Hoje no Morro 25 muitos tem vergonha de morarem lá, aqueles que lutaram pelo surgimento da comunidade. Da impressão de que todos os esforços não valeram de nada. Será que não valeram mesmo? Quero acreditar que agora valem mais do que nunca. Neste momento, quando o bairro sofre pelo acontecido é hora de olhar pra ele com respeito não com desprezo. Vinganças, rancores, explorar a triste publicidade do crime não interessa. Essa é uma forma débil de afundar algo ou alguém numa hora difícil. Deixemos que a polícia faça seu serviço, sim. Mas nos vamos amar como irmãos.

Fonte: Jornal "O Informativo do Vale", 21 de dezembro de 1974, p. 14.